



**UFAM**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA  
(PPGSCA)**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**As águas e a vida no imaginário dos pescadores**

Odin Barbosa de Oliveira

Bolsista: CAPES

Orientador: Alexandre Santos de Oliveira

Manaus/AM

2021

ODIN BARBOSA DE OLIVEIRA

**As águas e a vida no imaginário dos pescadores**

Dissertação de mestrado apresentada aos membros da Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para obtenção do título de mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia. Linha de Pesquisa 1: Sistemas Simbólicos e Manifestação Socioculturais na Amazônia, sob orientação do Prof. Dr. Alexandre Santos de Oliveira

Manaus/AM

2021

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

O48á Oliveira, Odin Barbosa de  
As águas e a vida no imaginário dos pescadores / Odin Barbosa de Oliveira . 2021  
97 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Alexandre Santos de Oliveira  
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia)  
Universidade Federal do Amazonas.

1. Imaginário. 2. Processos Simbólicos. 3. Amazônia. 4. Pescadores. 5. Comunidade do Maranhão. I. Oliveira, Alexandre Santos de. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

ODIN BARBOSA DE OLIVEIRA

**As águas e a vida no imaginário dos pescadores**

Dissertação de mestrado apresentada aos membros da Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para obtenção do título de mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia. Linha de Pesquisa 1: Sistemas Simbólicos e Manifestação Socioculturais na Amazônia, sob orientação do Prof. Dr. Alexandre Santos de Oliveira

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Alexandre Santos de Oliveira (Presidente)

---

Prof. Dr. Michel Justamand

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Evany do Nascimento

Manaus/AM

2021

## RESUMO

O ambiente das águas é tomado como o objeto de análise da presente pesquisa por ser o campo de atuação do ator, o ambiente onde se realiza a atividade, o ambiente vivo que proporciona a vida e a atividade do pescador. Como problema central da pesquisa, busca-se compreender como os pescadores da comunidade do Maranhão, em Parintins, por meio de suas narrativas, expressam sua visão de mundo através das representações das águas. Tomando esta direção investigativa, traçamos como objetivo geral investigar como os pescadores da comunidade do Maranhão em Parintins/AM, por meio de suas narrativas, expressam sua visão de mundo no ambiente das águas. Como objetivos específicos, nos propusemos primeiramente a compreender as formas pelas quais os povos tradicionais da Amazônia elaboram sua visão de mundo. Em segundo, entender, por meio das narrativas cotidianas como as representações oriundas do ambiente das águas estruturam a visão de mundo dos pescadores. O método empregado consistiu num viés qualitativo com uma busca aberta e sensível ao campo de pesquisa dividido em três etapas. Inicialmente com o levantamento dos dados bibliográficos, as primeiras idas ao campo de pesquisa, reformulação do projeto de pesquisa e elaboração do primeiro capítulo da dissertação para a qualificação. Em seguida, nas incursões ao campo para coleta de dados, em viagens periódicas ao decorrer dos anos de 2018, 2019 e 2020, realizando observações, anotações em caderno de campo e registros fotográficos. Por fim, nos ocupamos na análise das narrativas, e a elaboração do presente documento de dissertação. A principal base teórica advém dos estudos do imaginário com foco nos conceitos de Durand (1998) e Bachelard (1996). O principal resultado indicou que a visão de mundo dos pescadores parte de uma construção imaginária proveniente das relações experimentadas em seu cotidiano por meio de suas sensações, o que desenvolve uma cosmologia própria, a qual envolve o seu contexto eco-sócio-antropo-cultural.

**Palavras-chave:** Imaginário; Processos Simbólicos; Amazônia; Pescadores; Comunidade do Maranhão.

## ABSTRACT

The water environment is taken as the object of analysis of this research because it is the actor's field of action, the environment where the activity is carried out, the living environment that provides the fisherman's life and activity. As a central problem of the research, we seek to understand how the fishermen of the Maranhão community, in Parintins, through their narratives, express their worldview through the representations of the waters. Taking this investigative direction, we traced as a general objective to investigate how the fishermen of the Maranhã community in Parintins/AM, through their narratives, express their worldview in the water environment. As specific objectives, we first set out to understand the ways in which the traditional peoples of the Amazon elaborate their worldview. Second, to understand, through everyday narratives, how representations from the water environment structure the fishermen's worldview. The method used consisted of a qualitative bias with an open search and sensitive to the field of research divided into three stages. Initially with the survey of bibliographic data, the first trips to the research field, reformulation of the research project and elaboration of the first chapter of the dissertation for qualification. Then, in incursions into the field for data collection, in periodic trips throughout the years 2018, 2019 and 2020, making observations, notes in a field notebook and photographic records. Finally, we deal with the analysis of the narratives, and the elaboration of this dissertation document. The main theoretical basis comes from studies of the imaginary focusing on the concepts of Durand (1998) and Bachelard (1996). The main result indicated that the fishermen's worldview starts from an imaginary construction arising from the relationships experienced in their daily lives through their sensations, which develops their own cosmology, which involves their eco-socio-anthropo-cultural context.

**Keywords:** Imaginary; Symbolic Processes; Amazon; fishermen; Comunidade do Maranhão.

## RESUMEN

El medio acuático se toma como objeto de análisis de esta investigación por ser el campo de acción del actor, el medio donde se desarrolla la actividad, el medio vivo que proporciona la vida y la actividad del pescador. Como problema central de la investigación, buscamos comprender cómo los pescadores de la comunidad de Maranhão, en Parintins, a través de sus narrativas, expresan su cosmovisión a través de las representaciones de las aguas. Tomando esa dirección investigativa, trazamos como objetivo general investigar cómo los pescadores de la comunidad de Maranhã en Parintins/AM, a través de sus narrativas, expresan su cosmovisión en el medio acuático. Como objetivos específicos, nos propusimos primero comprender las formas en que los pueblos tradicionales de la Amazonía elaboran su cosmovisión. En segundo lugar, comprender, a través de narrativas cotidianas, cómo las representaciones del medio acuático estructuran la cosmovisión de los pescadores. El método utilizado consistió en un sesgo cualitativo con una búsqueda abierta y sensible al campo de investigación dividido en tres etapas. Inicialmente con el levantamiento de datos bibliográficos, los primeros viajes al campo de investigación, reformulación del proyecto de investigación y elaboración del primer capítulo de la disertación de titulación. Luego, en incursiones de campo para la toma de datos, en viajes periódicos a lo largo de los años 2018, 2019 y 2020, realizando observaciones, apuntes en cuaderno de campo y registros fotográficos. Finalmente, nos ocupamos del análisis de las narrativas y de la elaboración de este documento de tesis. La principal base teórica proviene de los estudios del imaginario centrados en los conceptos de Durand (1998) y Bachelard (1996). El principal resultado indicó que la cosmovisión de los pescadores parte de una construcción imaginaria surgida de las relaciones experimentadas en su cotidiano a través de sus sensaciones, que desarrolla una cosmología propia, que involucra su contexto eco-socio-antropocultural.

**Palabras llave:** Imaginario; Procesos Simbólicos; Amazonas; Pescadores; Comunidade do Maranhão.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização da Comunidade do Maranhão.....	27
Figura 2 - Concertando as Redes, 2018.....	31
Figura 3 - Restinga de várzea, 2018.....	34
Figura 4 - Redeiros, 2018.....	36
Figura 5 - Barco e canoa, 2018.....	37
Figura 6 - Cumbuidor, 2019.....	38
Figura 7 - Morada do Barco, 2018.....	64
Figura 8 - Aracú Comum, 2018.....	80
Figura 9 - Frutos da Pesca, 2018.....	85

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>PRIMEIRO CAPÍTULO: OS POVOS TRADICIONAIS DA AMAZÔNIA E SUA VISÃO DE MUNDO</b>	
1.1 Imaginário, estética e poética da Amazônia.....	39
1.2 Sobre pescadores e pescarias.....	46
1.3 O pescador, homem das águas.....	56
<b>SEGUNDO CAPÍTULO: VOZES QUE CONTAM A VIDA NAS ÁGUAS</b>	
2.1 O espírito do lago.....	65
2.2 A Velha Gulosa.....	71
2.3 O Mão Grande.....	80
<b>TERCEIRO CAPÍTULO: A POIESIS DA VIDA TRADICIONAL.....</b>	<b>85</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>95</b>

## Introdução

Tomando para análise as mudanças paradigmáticas e o cenário de incerteza científica, social, cultural, em que está mergulhada a contemporaneidade, voltamos nossos olhares para o ambiente amazônico. Este ambiente é composto de uma série de fatores naturais, sociais, culturais, econômicos e por isso científicos, que influenciam de forma complexa o mundo à sua volta. Com isso, a Amazônia torna-se um epicentro de discussões contemporâneas de temas diversos que tratam sobre sua realidade de forma direta e indireta.

Sobe essa rede de influências que se constrói na Amazônia, nos cabe compreender o que Capra (1996, p. 16) chama de “ecologia profunda”. Com este termo, o autor propõe uma mudança na forma de compreensão linear do pensamento ecológico, o qual possuía ou talvez ainda possua, uma visão disciplinar do ambiente. Então, apenas a questão ecológica parecia não dar conta da complexidade sistêmica dos problemas, sendo a ecologia profunda o salto para uma nova possibilidade de visão e entendimento da realidade, algo que vai além das aparências e superfícies, alcançando uma rede de influências. Essa proposta nos sugere perceber em profundidade o mundo como esta rede de fenômenos interconectados e interdependentes.

Porém, essa visão ainda encontra barreiras em linhas de pensamento mais positivistas. Isso, porque esse pensamento disciplinar ainda se depara com o ambiente de forma categorizada, semiestruturada ou talvez até, hierarquizada, onde não exista um senso de ligação, mas de separação. Tal visão positivista, percorre um caminho de interpretação degradante, sujeito a montar o mundo como um quebra cabeça, onde cada peça se justifica apenas pelas partes e não pelas conexões existentes entre parte e todo.

Bem como a interpretação que Almeida (2002, p. 42) faz sobre o processo de evolução do pensamento sob uma ótica positivista, ao dizer que “cada avanço de conhecimento é uma sutura no sempre esgarçado tecido da compreensão do mundo”. Nesse sentido, a soma do conhecimento busca fabricar um protótipo de realidade, forçando ligações entre as teorias ao invés de compreender aquilo que já existe de forma conjunta, interdisciplinar e complexa. Essa visão, apenas cria eufemismos da realidade, pedaços, remendos, que a tornam inalcançável e cada vez mais incompleta.

Deste modo, estamos entre essas duas formas de pensamento, um que tenta unir aquilo que está separado, a exemplo da ecologia profunda, e outro que está ocupada com conhecer apenas as partes em detrimento do todo, tal como se apresenta o pensamento positivista. É nesta fronteira que percebemos a Amazônia e seus atores enquanto personagens que sofrem as influências das diferentes formas de compreensão e explicação do mundo.

Isto nos levou a tentar compreender, por meio desta pesquisa, alguns desses atores, os pescadores da Comunidade do Maranhão, no município de Parintins, no Amazonas. Decidimos nos aventurar vivenciando, percebendo e pensando sua realidade, buscando entender e tornar visível um pouco daquilo que, através de suas narrativas, os pescadores tendem a nos apresentar sobre a sua visão de mundo.

A ação de dar voz ao pescador parte da constatação de que este ator surge como um integrante bastante comum na região, o que talvez o torne um personagem um tanto imperceptível. Então, pensamos que quando ocorre a naturalização de alguma coisa ou alguém em determinado ambiente, por uma série de fatores, a visibilidade vai sendo desgastada a ponto de recair num certo tipo de invisibilidade. De modo que, mesmo com a sua presença no lugar, a sua imagem permanece imperceptível.

Ao refletir sobre esse personagem, encaramos uma série de obstáculos. Estes obstáculos surgem tanto das interpretações empíricas como no que tange aos aspectos teóricos utilizados para a leitura da realidade. Ambas as posturas, se não forem vistas por uma perspectiva crítica, podem contribuir para reforçar os processos de invisibilidade ao adotar padrões externos à realidade observada. Tal atitude impediria que, aquilo que deveria ser compreendido como conhecimento, fosse reduzido à condição e ignorância, e desse modo, fazendo com que o processo primário de criação e devaneio fosse visto sob uma perspectiva cômica pela sociedade. Essa forma de aceitação acaba desfigurando um primado de aventuras, contos e mitos, que estruturam o imaginário desses atores sociais.

Antes de prosseguirmos cabe abrir um parêntese aqui para dizer, a partir de Bachelard (1996 p. 9) que o devaneio “é uma fuga para fora do real, nem sempre encontrando um mundo irreal consistente”. Segundo o autor, um “devaneio poético” que se constitui a partir de uma “polifonia de sentidos” que é inspiradora, construindo-se a partir dos sonhos e das recordações (BACHELARD, 1996 pg. 14).

No caso específico do autor deste trabalho, meu devaneio poético, parte da constituição de minha família. Cresci em uma família de pescadores envolto por uma riqueza de informações, histórias, contos, mitos e aventuras que me inundavam a alma com sorrisos, coragem, medo, confiança, temor, horror e prazer. Sentimentos e sentidos que alicerçaram minha vida nutrindo o desejo de trilhar minhas próprias aventuras.

Quando criança, participei poucas vezes das pescarias com meus parentes. Quando me acordava, meus pai já não estava mais em casa, pois saíam muito cedo e retornava apenas no fim da tarde, o que se tornava um motivo de não me levar em sua companhia, na longa jornada e nos riscos da pescaria. O que me restava era aguardar pelos fins de tarde e ver os pescadores retornando para suas casas, cada um com sua embiara<sup>1</sup> e um uma história nova para contar.

Tomei conhecimento do Boto, Cobra Grande, Iara, e outros seres encantados que ilustravam as pescarias. Cada detalhe era precisamente colocado pelos pescadores, desde o malinar do Boto, a grandeza da Cobra Grande, seu comprimento, seu peso, até mesmo o temporal que se forma quando ela se mexe, até a beleza da Iara, sua bênção e sua punição. Tudo era mágico, fantástico, envolvente, tornando a realidade ainda mais bela de se viver.

Percebemos que ao realizar a pesquisa sobre o imaginário do pescador e sua relação com as águas, procurando compreender sua visão de mundo, aprofundamos no entendimento de nossa própria história, de nossa própria vida. Visto que, também somos atores da Amazônia, nascidos e criados nos átrios da hileia, numa cidade com uma forte tradição cultural, Parintins – denominada a capital do folclore –, e com descendência direta dos pescadores da Comunidade do Maranhão. Em tal ocasião, fartamo-nos com a oportunidade de poder investigar uma face do mosaico Amazônico, conjuntamente, pelas dimensões culturais, econômicas, sociais, mitológicas e simbólicas.

Os pescadores da Comunidade do Maranhão, no município de Parintins-AM, representam uma força produtiva importante para o polo econômico da cidade. Eles contribuírem para o abastecimento alimentício dos mercados com o pescado, representando uma parcela importante da economia municipal. Isso demonstra uma

---

<sup>1</sup> Resultado da caça ou da pesca, os animais capturados.

significativa contribuição do pescador por conta de seus saberes, afinal os peixes capturados são resultados de sua ação e conhecimento.

Contudo, os pescadores da comunidade do Maranhão, enfrentam uma desvalorização profissional e cultural. Talvez, por conta da invisibilidade que possuem ou por demandarem de uma organização, orientação técnica/financeira que favoreça o desenvolvimento da atividade e, desse modo, do pescador em si. O pescador também lida com influências externas oriundas da economia. Essas forças econômicas partem da “lei de oferta e demanda” do pescado que incorrem em uma dinâmica cíclica anual nos mercados da cidade. As demais forças seriam o ciclo das águas, da entressafra e do seguro defeso. Desse modo, o pescador traça sua jornada de acordo com o tempo da natureza e com a influência do mercado econômico no seu trabalho.

Sobre seus saberes, o pescador soma conhecimentos que proveem de saberes indígena e de inserções tecnológicas ocidentais. Dos indígenas, vem o conhecimento das águas, dos peixes, das paragens, e o conhecimento sobre os tempos do rio. Do ocidente absorveu as tecnologias trazidas inicialmente pelos colonos portugueses, que foram aprimoradas ao longo do tempo com o uso de materiais mais fortes e seguros. Contudo, observamos ainda que os pescadores da Comunidade do Maranhão, possuem uma liberdade de criação pois, muitos dos seus apetrechos foram desenvolvidos por eles próprios em decorrência das necessidades que foram surgindo.

Do ponto de vista da cultura, é possível observar que o pescador, sujeito tomado, muitas vezes, pelo folclore, é representado por figuras e termos que o subalternizam, categorizam, subjagam, conforme a perspectiva de seus observadores. Tais representações o romantizam em poemas, músicas e histórias, o categorizam como caboclo ou ribeirinho e o subjagam como um inventor de histórias, exageros, transformando-o, também, num sujeito cômico, risível, ou alguém que existe apenas para preencher a lacuna do termo “histórias de pescador”.

No entanto, para além de mentiroso, o pescador, por sua relação com as águas, constitui-se num ícone da região amazônica. As contribuições para a construção de uma ideia de amazônica podem ser observadas desde a relação positiva que esses atores tem com a natureza por meio de sua relação com as águas, quanto o olhar aprofundado que ele desenvolve sobre esta natureza que lhe envolve.

É tomando em conta este conjunto de cenários no tocante aos pescadores que chegamos à pergunta norteadora deste trabalho, qual seja: como os pescadores da comunidade do Maranhão, em Parintins, por meio de suas narrativas expressam sua visão de mundo no ambiente das águas?

Propusemo-nos realizar este estudo a partir de uma percepção do profundo que engendra o sujeito amazônico no recorte da figura do pescador, caracterizando seu ambiente como Amazônia Profunda. De modo que, ao mergulhar um pouco mais na profundidade da realidade amazônica, abrangendo suas sutilezas, peculiaridades, escutando as vozes que nela habitam e que dela ecoam possamos compreender um pouco mais de suas visões de mundo.

Neste sentido, este trabalho tem como principal objetivo, investigar como os pescadores da comunidade do Maranhão em Parintins – AM, por meio de suas narrativas, expressam sua visão de mundo no ambiente das águas. Como objetivos específicos, nos propusemos: A) Compreender as formas pelas quais os povos tradicionais da Amazônia elaboram sua visão de mundo. B) Entender, por meio das narrativas cotidianas como as representações oriundas do ambiente das águas estruturam a visão de mundo dos pescadores.

No tocante à base teórica, este trabalho se une a um conjunto de vozes que tem questionado os cânones científicos da academia como valores únicos para leitura do real. Assim, dar espaço às narrativas dos pescadores apresenta-se como oportunidade para dar atenção aos ecos que advém dos saberes tradicionais. Tais saberes, tal como são trabalhados no conjunto desta pesquisa, são postos de forma reflexiva sobre um enredo de vida que se produz e reproduz no ambiente amazônico das águas.

Para tanto, buscamos abordar temas que pudessem dialogar com as discussões e imagens provenientes dos pescadores da Comunidade do Maranhão a saber, a Amazônia e os pescadores na Amazônia, os conceitos de complexidade, imaginário e representação das águas. Tais temas, envolvidos em nossos objetivos, nos levaram a um lastro de autores, dos quais, selecionamos os que julgamos ser mais apropriados para o diálogo, objetivando dar conta das intenções da pesquisa, através de uma trajetória teórica que pretendeu ser maleável, ao mesmo tempo autônoma e crítica, ao mesmo tempo, sempre aberta e em construção.

Sobre a Amazônia é possível perceber, juntamente com os autores estudados que o ambiente amazônico, berço de povos distintos em culturas e crenças, foi

deferido por golpes interpretativos que deturparam o enredo da vida existente na região. Com olhares movidos por perspectivas eurocêntricas, a Amazônia foi sendo inventada e caracterizada por pesquisadores que pouco dispunham de instrumentos ou interesses para compreendê-la em sua intimidade (GONDIN, 2007) ou, mesmo dispendo de instrumental, aproximaram-se dela com uma visão pré-concebida o que impede que interpretações localizadas se apresentem como leituras possíveis.

Autores como Gondin (2007) e Rangel (2008) identificaram as causas e consequências desses olhares externos sobre a Amazônia, que recaem, muitas vezes, numa estetização exótica. Partindo de um olhar externo, eurocêntrico, que evidenciou a natureza como dominadora, selvagem ou um “inferno verde” como assinalou Rangel (2008). A descrição deste autor emoldura esse sentido, extravagante, de uma floresta violenta que agride a todos os que vivem ou que buscam viver em suas entranhas.

Por outro lado, abordamos a materialidade do cenário amazônico a partir da ideia de Amazônia Profunda fundamentada em Capra (1996, p. 14). O autor conceitua o termo “ecologia profunda” como sendo “uma rede de fenômenos interconectados e interdependentes”, o profundo nos leva à conexão e a pertinência do homem. Essa conexão alcança a espiritualidade do homem, o ponto onde há uma sincronia, um pertencimento, um sentimento centrípeto que justifica a permanência e o convívio em um ambiente, mesmo que este ambiente seja hostil. Para Capra (1996) a ecologia profunda alcança uma microrregião em que todas as unidades ou fatores que compõem um determinado ambiente se conectam formando uma teia, denominada pelo autor como a teia da vida.

Perceber que tudo está conectado nos leva a interpretações sobre a ecologia profunda, metaforizando os conceitos de Capra (1996) para compreender o sentido primordial da vida na Amazônia. O sentido de profundo tende a suprir nossas necessidades de compreender as interconexões que o ator da pesquisa possui com o seu ambiente, indo além da pura aparência, a estética, a forma, e alcançando um subterfúgio, um substrato, a materialidade, sua profundidade.

No tocante ao pescador na Amazônia, recorreremos a Monteiro (2010). Para este autor, o pescador é um dos símbolos da Amazônia por sua tradicionalidade na região. Com uma descrição da cultura técnicas e do folclore, o autor revela o pescador como um sujeito que povoa as margens dos rios, lagos e igarapés, rico em

conhecimentos regionais e técnicas de pesca aplicáveis a vários tipos de ambiente. Além de cooperar com alimentos para os grandes centros urbanos.

O pescador é um desbravador dos rios e um namorador das águas. Nos rios eles enfrentam os intemperes do clima e das correntezas, adentrando cabeceiras e atravessa igapós, o pescador confronta a natureza driblando suas armadilhas até alcançar os peixes que deseja. Como namorador, ele contempla as águas em seus momentos de espera<sup>2</sup>.

Para compreender a trajetória que os pescadores percorreram durante o arrojo econômico capitalista na região, percebemos com Ferreira (2016), os impactos e as influências que sofreram. Essas influências afetaram a cultura, técnicas, conhecimento, e até mesmo, o imaginário dos pescadores, por estarem inclusos nessa rede de conexões que se arraiga na Amazônia. E que mesmo sendo pessoas deslocadas, distantes dos grandes centros urbanos, em um determinado momento, recebem os impactos da cultura industrial.

Em síntese, o trabalho de Monteiro (2010) e Ferreira (2016) indicam visões e ações diferenciadas entre os pescadores, indo desde a pesca individual à organização coletiva e cooperativa dos pescadores, correspondendo ao processo de valorização do pescador como sujeito social, cultural e econômico na Amazônia. Tais visões corroboram para um olhar ainda mais sensível sobre este sujeito que ganha destaque na região.

No âmbito da complexidade, é possível perceber que a questão do conhecimento constitui uma das preocupações da teoria da complexidade que, segundo Morin (2012) implica em processos de revolução mental. Essa revolução implica em uma ação cíclica entre desordem/ordem/desordem, do conhecimento que se refaz continuamente. O autor busca compreender como se tecem as vias complexas de agregação do conhecimento. Compreendendo esta movimentação paradigmática, ele se opõe aos métodos tradicionais simplificadores que ramificavam a ciência em setores, em disciplinas. Essa disciplinarização do conhecimento tornou-se um quebra-cabeça consistindo na tentativa de construir a imagem do mundo e, cada peça, ao invés de contribuir para a compreensão do todo, acabou por apresentar representações fracionadas do conhecimento e da realidade.

---

<sup>2</sup> Momento que o pescador aguarda a chegada dos peixes (MONTEIRO, 2010).

A complexidade busca trabalhar a problemática da “incompletude do conhecimento” (MORIN, 2005, p. 177), aquilo que foi deixado para trás e que deve ser compreendido por vias sensíveis de percepção. Na perspectiva do sociólogo, a complexidade viabiliza as linhas de investigação chamando atenção da ciência para as facetas, as encruzilhadas, as bifurcações, o obscuro, o que podemos e devemos encontrar no processo de ampliação do saber.

Nesta mesma teia, Prigogine (2001) vem nos alertar de que o mundo científico está passando por uma mudança. Neste processo, a investigação científica começa a buscar os agentes, atores, fatores, que outrora foram compreendidos separadamente por uma ciência determinística. Neste momento, passa-se a compreendê-los a partir de suas próprias narrativas, desvinculando-os de conceitos e procedimentos que negavam seus saberes, história e cultura.

No entanto, compreendemos que uma abordagem como esta requer um lastro teórico que encare os fenômenos sobre uma perspectiva complexa. A abrangência itinerante do pensamento complexo vem envolver diferentes áreas do conhecimento científico e do senso comum. A complexidade nega os princípios reducionistas, simplificadores que a ciência tradicional estipulava para investigar a natureza (PRIGOGINE, 2001). Bachelard (1996) vem compreender a complexidade como um problema fundamental para a ciência. Porém, a complexidade não surge como um problema, mas como uma alternativa viável de investigação e relação da ciência com a natureza.

Prigogine (2001, p. 16), afirma que as “ciências da complexidade negam o determinismo” e acreditam na criatividade em todos os níveis da natureza. Essa negação compreende que o futuro acontece em um processo contínuo, inacabado, contrariando as leis da física newtoniana que consistia numa simetria temporal entre passado e futuro, bem como nos determinismos da natureza. Com a complexidade, ousa-se dar um salto retomando as relações entre a ciência e a natureza descritas por Snow (1995) como as duas culturas.

Essa separação científica identificada por Snow (1995), está relacionada a um distanciamento entre a cultura científica das ciências exatas da cultura científica de humanas, da literatura. O autor percebeu que essencialmente, as ciências partem de pressupostos próximos, da natureza ou do ser humano, e que ao decorrer de especializações em campos disciplinares, se separam e tornam-se estranhas umas às

outras. Para tanto, Snow propõe que se reconstrua um diálogo, uma interação, que funcionassem como uma ponte entre essas duas culturas.

Neste contexto de tentar juntar o que estava separado, comunga-se com a teoria da complexidade. Morin (2005) aponta que a complexidade surge para compreender, interligar, articular o conhecimento, que se encontra mutilado, ramificado, em campos disciplinares. Essa ramificação é fruto de um pensamento simplificador reducionista, enrijecido e fechado às mudanças paradigmáticas.

Sobre o imaginário, entendemos que para compreender os atores amazônicos em suas narrativas e como esses discursos estruturam uma visão de mundo, utilizamos como pressuposto as teorias do imaginário. O estudo do imaginário, que era subjugado, subalternizado, desvalorizado, minimizado, por um reducionismo dualístico, a meras lembranças, memórias fluídas da consciência, ganha um novo e merecido horizonte com Bachelard a partir de seus estudos iniciados a partir de 1935, que vem criticar as atribuições que eram feitas aos estudos desta linha teórica (PITTA, 2005).

Durand (1998) nos concede uma base para o estudo por meio da maleabilidade destas estruturas que, para o autor, não se enrijecem, não surgem para edificar verdades absolutas, mas para propor formas de percepção acerca das configurações imaginárias que surgem nos diversos grupos socioculturais. Durand (1998, p. 41) percebeu que o imaginário se configura através de um trajeto antropológico que se constrói e se modela “pelos imperativos pulsionais do sujeito”. Essa trajetória em que se configura o imaginário, relaciona-se com a materialidade observada por Bachelard (1998), e a manifestação simbólica ao imaginário formal.

Para Bachelard (1996), o imaginário vem a ser uma composição entre forma e matéria ou um imaginário formal e um imaginário material. A imaginação formal busca a superfície da matéria, é o que aflora, o que vem à tona, o que está à amostra de todos, o *à priori*. Já a imaginação material, a parte edificante, trata-se do cerne, âmago, é o que constrói, o que constitui a superfície formal, nela residem as motivações simbólicas que impulsionam o imaginário material a adorna-se pelas formas.

Na teia dos estudos do imaginário, as representação das águas possibilitam uma aproximação sobre o devaneio e a poética dos pescadores. Para tanto nos apoiamos nas obra de Bachelard (1996,1998) e Loureiro (2001). Como o ambiente dos atores da pesquisa consiste nas águas, a obra de Bachelard (1998) *A água e os*

*sonhos* consistiu numa chave interpretativa de primeira ordem. Nesta obra o autor compreende a dificuldade de interpretação da forma e da matéria, das imagens criadas pelas águas por serem pouco exploradas pelos poetas e filósofos, onde as águas consistem mais como um adorno do que como o cerne das reflexões. Contudo o autor revela uma riqueza imaginária no elemento que se torna ambíguo e dualístico em suas manifestações simbólicas.

Este autor desenvolve uma metodologia própria para compreender as imagens reveladas nas águas. No processo de investigação, nos conduz para uma compreensão da materialidade das imagens, daquilo que as constitui e constrói, estando por detrás das formas aparentes, por detrás da estética das imagens, “as imagens que se ocultam” (BACHELARD, 1998, p. 2). E são essas imagens as que condizem com essa textura de materialidade, a qual está abaixo ou por detrás das superfícies.

Para Bachelard (1998) as superfícies das imagens são realidades monótonas. Essa monotonia decorre da carência de significados atribuídos às imagens, de modo que elas passem despercebidas por um olhar familiarizado a esta superfície. Trata-se de imagens vagas, que nos norteiam para um significado vago, impreciso, frágil, fugidio.

O autor reitera que, ao transgredir para essa superfície líquida das águas, o sujeito contempla as imagens refletidas da paisagem, onde a superfície aquosa não restringe o sujeito a apenas uma contemplação, mas o convida ao mergulho (BACHELARD, 1998). Esse mergulhar nas águas é o mergulhar nos sentidos e significados despontados pela materialidade que constitui essas imagens aparentes, as imagens formais, no caso, a paisagem habitual a que se deparam os pescadores. Esse ato de criação primária, que rompe a superfície formal das imagens por meio de uma criação de sentidos, é como um estado de criação poética, onde o pescador observa e devaneia, mesclando as realidade, formal e material, em uma só.

A dimensão poética constituiu outro aprendizado com os autores que trabalham com o imaginário. Para Loureiro (2001), a poesia vem narrar os momentos de transição paradigmática que o mundo já teve<sup>3</sup>. Nessa perspectiva, a poesia é construída a partir das narrativas, das palavras e das histórias que contam a trajetória dos povos, das crenças, dos mitos, das aventuras, repassando e atualizando a cultura

---

<sup>3</sup> Vide Loureiro (2001, p. 60).

e a tradição para a posteridade que, de certo modo, eterniza-se pelas veredas orais e escritas. Nesse viés, a poesia não se manifesta apenas por estruturas semânticas que obedecem a roteiros de escrita e um rigor padronizante da linguística, mas se desvincula seguindo um caminho artístico contemplativo da expressão que advém da manifestação humana e da natureza (IBIDEM, 2001, p. 61).

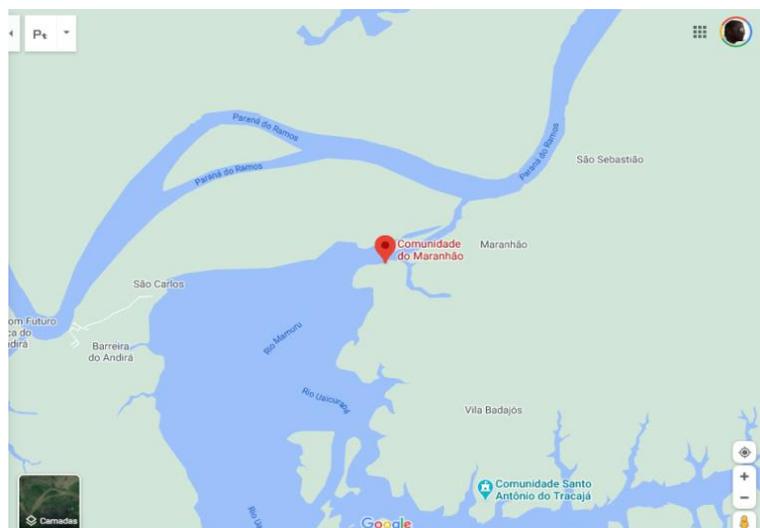
O cenário ou a estética amazônica vem compor uma poesia, a poesia da natureza e dos habitantes da região. Mas a poesia não pode ser reduzida apenas a sua questão estética, ela é um instrumento de interpretação dos fenômenos culturais, ela desperta o estado de devaneios, de formas de compreensão, demonstrando a fecundidade no sentido de criação de um pensamento próprio que advém da contemplação e a contemplação é uma das formas de leitura que nos propomos investigar sobre os pescadores (IBIDEM, 2001). A estética da poesia denota este despertar para uma significação, para um imaginário que alimenta o pensamento e para um pensamento que alimenta o imaginário. Proporcionando uma análise mais aberta, sensível e complexa, das imagens trazidas pelos pescadores por meio de suas narrativas.

No percurso metodológico procuramos trabalhar com uma abordagem qualitativa. Tendo em vista que essa abordagem “não se preocupa com a representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social” (SILVEIRA, 2009, p. 31). Neste sentido, o processo metodológico de viés qualitativo consistiu em uma busca aberta e sensível ao campo de pesquisa.

Com a busca aberta, queremos dizer que não nos limitamos à um tipo de investigação no campo e nem no embasamento teórico. Neste processo, a sensibilidade e a percepção assumem a primazia quanto aos procedimentos e exigências investigativas que o campo de pesquisa impôs. Com isto, adotamos uma postura interdisciplinar no desenvolvimento do trabalho recorrendo a uma apuração do olhar sobre os participantes da pesquisa – os pescadores – buscando, da forma mais ampla possível, as repostas para a problemática identificada.

O local da pesquisa é na Comunidade do Maranhão, no Município de Parintins-AM, situada às margens do rio Waicurapá, trinta minutos de voadeira da cidade. A comunidade é composta por 115 famílias, num total de 620 pessoas, homens, mulheres e crianças. Trata-se de uma Comunidade que tem no pescado sua principal fonte de renda, se intensificando nos períodos da safra ou da piracema, que ocorre durante o período da vazante se estendendo pelos meses de junho a novembro.

No período das enchentes, que se estendem pelos meses de dezembro a maio, o pescado fica escasso, fazendo com que as famílias recorram a outras fontes alternativas de renda, como a agricultura e criação de pequenos animais como, galinhas, patos e porcos.



**Figura 1** - Localização da Comunidade do Maranhão.

**Fonte:** Google Maps | 01/04/2021 16h:38m

Na comunidade, existe uma sede para reuniões e eventos, duas igrejas católicas, uma antiga que já não é mais utilizada para celebrações e outra recém-construída, localizada na parte frontal da comunidade. Há também uma igreja presbiteriana, localizada na parte detrás da comunidade. Oriundo desta comunidade, o autor desta pesquisa realiza visitas com frequência a seus familiares e observa a relação construída entre os pescadores e o ambiente onde realizam a pescaria.

No que se refere a natureza que envolve a Comunidade, ela fica à margem esquerda do rio Mamurú, próxima a sua foz no Paraná do Ramos. As águas que banham a comunidade são escuras, quando no período da vazante e barrenta no período da enchente, na área da comunidade não existem braços de rios, porém, há uma vasta região de igapós, lagos e restingas que se estendem por quase todo seu território.

No processo de pesquisa de campo, adentraremos pelas vias de pesquisa da oralidade. A oralidade vem a ser um percurso que visamos nos aproximar da fala dos sujeitos, de sua voz, de seus próprios entendimentos sobre a sua realidade, por meio de suas narrativas (MARCONE, 2010). Buscamos obter, por meio desses relatos, uma visão sobre o pescador, contada por eles próprios. Buscamos entender os seus devaneios, suas perspectivas de representação e visão de mundo.

A trajetória de nossa pesquisa se deu, inicialmente, com o processo de capacitação promovido pelas disciplinas cursadas, intercaladas no decorrer de três períodos semestrais. As disciplinas abordaram temas importantes para a elaboração teórica do presente estudo, colaborando para uma melhor percepção e compreensão dos fenômenos encontrados no campo de pesquisa.

Nesse primeiro momento, também trabalhamos com a reformulação do projeto, bem como o mapeamento do campo e a elaboração do primeiro capítulo da dissertação apresentado no exame de qualificação, ressaltando que, àquela época ainda não havíamos concluído todas as disciplinas, por conta do atraso na oferta das mesmas.

Posteriormente, adentramos no campo de pesquisa para coletar os dados. Nesse momento, nos dirigimos para a Comunidade do Maranhão por meio de uma voadeira em uma viagem de aproximadamente trinta minutos. Ao chegarmos à comunidade, permanecemos por um período de 03 a 08 de setembro do ano de 2018, depois uma segunda visita no período de 29 de maio a 4 de junho do ano de 2019 e uma terceira visita realizada no período de 16 a 21 de janeiro do ano de 2020.

Tomamos como amostra para o trabalho um total de 06 pescadores, atuantes em pescarias individuais e coletivas (em um grupo de redeiros). Além desses informantes, ouvimos também 01 líder da comunidade e 01 representante da cooperativa dos pescadores de Parintins. Todos com técnicas de pesquisas semiestruturadas compostas por perguntas abertas e fechadas, bem como o acompanhamento por meio da observação participante. Para preservar a identidade dos colaboradores da presente pesquisa atribuímos nomes fictícios, a saber: Marcos Souza (62 anos), Roberto Soares (58 anos), Mário Samaúma (48), Cássio Gomes (44), Daniel Pereira e Euler Nunes (42).

Para o acompanhamento dos pescadores em suas atividades de pesca, nos munimos de caderno de campo para registros escritos, um celular para a gravação de áudio e de máquina fotográfica para registros de imagens. As anotações no caderno de campo e os áudios das entrevistas foram transcritos para melhor acesso e arquivamento, bem como, facilitar a escrita dos capítulos da dissertação.

No período em que estivemos na comunidade, realizamos as entrevistas e acompanhamos os pescadores na atividade da pesca. Essas atividades iniciavam às 05h:30min da manhã, o sol ainda estava por nascer e os pescadores começavam a organizar o barco para as atividades. No período em que acompanhamos a pesca com

a finalidade de realização da pesquisa, doze pescadores, divididos em dois grupos dirigiam-se ao rio.

Observamos que as funções e a organização de cada uma delas é bem definida no grupo e estabelecida a partir das embarcações que utilizam. Nas embarcações menores, os cascos, fica o cumbuiador, responsável pela observação e localização dos cardumes de peixes. Na embarcação maior, a canoa onde fica a rede de pesca, os pescadores se organizam obedecendo à ordem de um proeiro, seguido por outros dois pescadores que ficam responsáveis pelo primeiro calão<sup>4</sup> da rede, um largador, outros dois pescadores no segundo calão e o polpeiro.

O proeiro é o responsável por dar as ordens aos demais, daquilo que deve ser executado, as direções que devem seguir, o momento de lançar, a forma de lançar etc. Os pescadores que o seguem, além de remadores, são os responsáveis por puxar o primeiro calão da rede depois que ela for lançada nas águas. O largador é o que lança as redes nas águas, os outros dois remadores puxam o segundo calão e o polpeiro é o responsável por direcionar a embarcação, mantendo-a dentro das coordenadas exigidas.

Após a coleta dos dados em campo nos ocupamos das análises das narrativas dos pescadores procurando privilegiar aspectos relacionados à vivência, ao cotidiano, à relação que ele tem com as águas e como deste contato emanam os mitos, personagens, narrativas de mundo próprias e concatenadas com a hiléia Amazônica. Este processo metodológico deu origem ao documento de dissertação que hora apresentamos.

Esta dissertação está dividida em três partes. No primeiro capítulo procuramos alcançar o primeiro objetivo específico da pesquisa, qual seja, compreender as formas pelas quais os povos tradicionais da Amazônia elaboram sua visão de mundo, dando destaque ao contexto das águas. A discussão produzida indicou a complexidade que está envolto o pescador por conta da rede de relações e influências que se estabelecem sobre ele e sua forma de recriar o mundo a sua volta, conforme sua compreensão, atribuindo significados ou ressignificando aquilo que corresponde a sua realidade.

---

<sup>4</sup> O Calão da rede de pesca refere-se ao início e o fim da rede ou o primeiro e o segundo calão, sendo que o primeiro calão é a primeira parte da rede a ser lançada nas águas até que se chega a sua segunda parte ou o segundo calão. Calão é uma expressão utilizada por conta da aglomeração do pano da rede em uma corda presente no início e no final de sua extensão. A corda prende a parte superior da rede, as boias, e a parte inferior correspondente ao chumbo.

No segundo capítulo buscamos entender, por meio das narrativas cotidianas como as representações oriundas do ambiente das águas estruturam a visão de mundo dos pescadores. Isso nos permitiu identificar que as interpretações do pescador partem de uma relação simbiótica e perene entre trabalho e o meio em que habita como uma *poiesis* tradicional que é sensível ao novo. Isso vai nos aproximar do sentido de reorganização entrópica explicada por Prigogine (2001), ou do sentido de ordem, desordem e reorganização compreendidas por Morin (2002).

No terceiro capítulo nos ocupamos em discutir o objetivo geral da discussão, qual seja, investigar como os pescadores da comunidade do Maranhã em Parintins/AM, por meio de suas narrativas, expressam sua visão de mundo no ambiente das águas. Aqui procedemos uma leitura dos pescadores relacionando suas visões de mundo a pressupostos teóricos do imaginário e da complexidade, visando intercambiar uma nova possibilidade de perceber a realidade. De modo que, haja uma sobreposição de compreensões, mas uma soma de conhecimentos. Ao final são apresentadas as considerações finais onde procedemos uma análise sobre o percurso da pesquisa e indicamos oportunidades para estudos futuros.

## CAPÍTULO I – OS POVOS TRADICIONAIS DA AMAZÔNIA E SUA VISÃO DE MUNDO



**Figura 2** – Concertando as Redes.  
**Fonte:** Odin Barbosa, 2018.

Tu pescador	Que a lua forte ti dá,
Que anseias pela vida	Tu não percebes o tempo que corre
Tal como o arpão que tu empunhas,	Mas sabes do peixe que passa
Nobre ceifador	A brasa que assa
Bebedor do doce sabor	A vida que tu colhes,
Que banha teu pirarucu	Nobre pescador
E que deste faz	Não mais tomas tu
Tua aventura sagaz	Do que teu remo, teu casco e teu arreo
Para embelezar teu vigor,	Para escrever teu devaneio
Homem pescador	De mais um dia que segue
Que na chuva ou no calor	Sob o tom de tua voz,
Marcas teu compasso	Poeta do indizível.
Junto ao tempo escasso	(OLIVEIRA, 2020)

O pescador namorador das águas, contador de histórias, aventureiro, poeta, devaneio, caniceiro, redeiro, bubueiro, carrega marcas e semblantes que transcendem sua própria vida. Essa complexa forma de vida pode traduzir o mundo sob uma nova perspectiva, talvez divergente dos paradigmas atuais, por atender a uma gama de especialidades dentro de seu próprio ambiente e também, por estar solto de preocupações que excedam aquilo que realmente necessita. O que

transcende na vida do pescador pode ser sua visão diferente, mesmo sendo apenas mais uma forma de ver e compreender o mundo.

Perceber esse diferente, “essa discrepância entre experiências e expectativas é fundamental para entender o que pensamos, e como pensamos a emancipação da sociedade moderna” (SANTOS, 2007, p. 18). É essa busca pela discrepância que nos lança para junto dos pescadores e nos faz perceber olhares e saberes diferenciados pela complexa vivência que eles possuem. Trilharmos com remadas imaginárias por esse rio de aparências conhecidas e realidades desconhecidas, buscando aflorar essas diferentes formas de compreensão.

Neste capítulo pretende-se investigar a forma pela qual os povos tradicionais da Amazônia elaboram sua visão de mundo, dando destaque ao contexto das águas. Na Amazônia, a tessitura do real se funde com o imaginário junto aos povos tradicionais desta região (LOUREIRO, 2001). Não existem limites entre essas duas vertentes, as quais se misturam em uma viscosidade simbólica que pari inúmeros seres, encantados, assombrados, sagrados, criando um mosaico arquetípico com figuras emblemáticas da cultura. Essa tessitura entre as realidades, brota do encontro do pescador com o ambiente, onde um exerce poder de influencia sobre o outro.

O pescador como um agente tradicional da região amazônica se relaciona com a floresta e com as águas por meio de seu trabalho que é também fonte de lazer, prazer, cansaço, fadiga e dor. Dentre essas formas de se relacionar, é pelo labor diário que ele vai retirar o sustento necessário para a sua sobrevivência. No trabalho, ele vai resistindo a uma rede de influencias naturais, econômicas e sociais, que operam uma vida talhada de experiências e aventuras.

Na Comunidade do Maranhão, lugar de observação empírica desta investigação, encontramos um ambiente onde as vidas das pessoas e a natureza se encontram, se mistura e criam novos sentidos. Nesse cenário, não existirá necessariamente uma harmonização, mas um equilíbrio respeitoso e indefinido sobre o ser dominante ou o dominado, revelando um paradoxo entre dominação submissa e submissão dominante (LOUREIRO, 2002). Para intercambiar essa relação, desenvolve-se uma linguagem interpretativa com uma gramática de sentidos muito própria.

Além da atividade agrícola, a Comunidade do Maranhão conta com grupos de pessoas que sobrevivem da atividade da pesca. Esses pescadores são residentes da Comunidade e além de possuírem atividades secundárias, hegemonomizam a pescaria

como seu principal labor. Trata-se de pessoas que consumaram seus gabaritos de doutores na pescaria pela vasta experiência que adquiriram no ramo.

Para dialogarmos com esses pescadores deslocamo-nos para a Comunidade do Maranhão repentinas vezes em viagens de voadeira que perduravam de vinte a trinta minutos. Desde o início da viagem, a paisagem nos seduz e nos desperta para novos devaneios de expectativas ante o impacto da surpresa e da beleza do ambiente. A cada viagem a paisagem naturalmente se modifica, criando sempre novas imagens e causando uma sensação de novidade mesmo que, pelas razões já mencionadas, este pesquisador já conheça o caminho.

O grupo de pescadores da Comunidade do Maranhão, descendem de uma família influente na comunidade. Isso porque eles são um dos primeiros moradores do lugar, que encontraram na atividade da pesca uma forma de manutenção da suas existências. Como nos narra o pescador Gomes (44 anos), “desde que eu me entendo por gente, meu pai já era pescador e meu avô já contava histórias aqui da comunidade” (Entrevista, 2018). Essa fala indica a relação de continuidade da atividade da pesca exercida pelos antepassados e cultivada hoje pelos descendentes diretos daqueles que os antecederam.

O grupo de pescadores vem de uma família de nove filhos e uma filha que descendem de um pai pescador e de uma mãe trabalhadora rural. Os filhos herdaram do pai os conhecimentos sobre a pesca e o direcionamento para continuar no ramo, a mãe dedicou sua vida aos cuidados da família, do lar. Ouvimos relatos de que alguns dos filhos chegaram a ir para a cidade de Parintins para estudar, no entanto, a ligação com o lugar e o gosto pela pescaria prevaleceram fazendo-os retornar para a comunidade.

Atualmente, apenas os filhos Marcos Souza, Roberto Soares, Mário Samaúma, Cássio Gomes, Daniel Pereira e Euler Nunes permanecem na comunidade de forma ativa na pescaria. Eles pescam de forma individual e também em grupo, dependendo apenas do período das águas. Todos foram inseridos na atividade da pesca desde quando ainda eram crianças.

O fato de estarem inseridos na pescaria artesanal desde pequenos, não foi um empecilho para que acompanhassem as transformações técnicas que ocorreram em sua atividade. Com o tempo, foram aperfeiçoando seus equipamentos, motorizando seus barcos e canoas, adquirindo aparelhos e dispositivos eletrônicos utilizados tanto

na pescaria como nas atividades de lazer, conforme anotamos em nosso caderno de campo.

Na varanda da casa do pescador Soares, uma caixa de som faz a trilha sonora do fim de semana, a televisão é colocada em seu suporte na parede e todos aguardam pelo início do jogo de seu time conversando e bebendo cervejas. O barco fica ancorado no porto junto à voadeiras e motores rabeta (OLIVEIRA, 2018, p. 6).

Um dia depois de chegarmos à comunidade, numa quarta-feira do mês de setembro do ano de 2018, acompanhamos pela primeira vez os pescadores na pescaria. Neste dia acordamos por volta das cinco horas da manhã e nos dirigimos para a embarcação junto aos demais pescadores para irmos à boca<sup>5</sup>. Nesse momento, buscamos nos familiarizar com o grupo, o que não foi tão complicado por serem bastante acolhedores.



**Figura 3:** Restinga de várzea  
**Fonte:** Odin Barbosa, 2018.

No silêncio do rio, o percutir da máquina do barco soa como um despertador de som grave e ecoante pelos igapós que molduram as margens escuras. O canto dos pássaros, ressoando dos igapós, vai sinalizando ao longe que o dia está prestes a começar, matizando o horizonte de amarelo avermelhado com os primeiros raios de sol. O cenário vai se colorindo com a luminosidade e o clarão do dia intensifica o tom das cores; o verde das canaranas<sup>6</sup>, o marrom esverdeado da folhagem dos igapós,

---

<sup>5</sup> A boca é como costumam chamar a foz do Rio onde pescam, localizada no encontro do Rio Mamarú com as águas do Paraná do Ramos.

<sup>6</sup> Vegetação que se desprende dos campos de criação de gado nas várzeas inundadas e ficam flutuando no rio.

o alaranjado esbranquiçado dos paredões de calcário na terra firme, bem como a cor achocolatada do lodo nas restingas da várzea que acompanham o rio.

O café da manhã dos pescadores é feito no próprio barco, o qual parte, assim que todos abordam. Cada pescador colabora com um pouco de alimento trazido de sua própria casa, como pão, queijo e leite e o café coado que é preparado na embarcação. Desse modo é realizada a primeira refeição do dia para aqueles homens, dispondo de conversar e bastante interação.

Durante a curta viagem, os pescadores se equipam com camisas de mangas compridas, calças e chapéus. O traje é para resistirem ao sol ou a chuva, o que conta ainda com protetores solar, quando alguém os leva, pois, apesar de passarem períodos longos sentados, o desgaste maior vem pela exposição ao calor do dia e a elevada humidade pertinente à região equatorial. Para tanto, o traje é um EPI<sup>7</sup> indispensável para garantir proteção e prolongar a resistência dos pescadores durante o dia.

A organização do trabalho construída pelo grupo de pescadores assemelha-se com um *putirum* ou *ajuri*. Essas duas práticas, de origem indígena, são definidas por Monteiro (2010, p. 22) como um “encontro organizado por uma pessoa ou família para a realização de uma ação conjunta podendo ser para um plantio, colheita, derrubada de mata, roçado, pescaria, dentre outras atividades”. O principal objetivo do grupo é a colaboração para realização de uma pescaria de grandes proporções, para os pescadores da comunidade do Maranhão, seria a pescaria com redes.

Ainda refletindo sobre a abordagem antropológica de Monteiro (2010), ele faz uma ressalva sobre dois tipos de pescaria coletiva. A primeira consiste em uma formação de um grupo de pessoas a convite de um responsável, um líder, para pescar uma espécie definida de peixes, o que se assemelha com o tipo de pescaria realizada pelo grupo de redeiros da Comunidade. O outro tipo de pescaria é de cunho comunitário e conta com a participação de todos os públicos, homens, mulheres e até mesmo crianças.

A formação do grupo de pesca na comunidade acontece pelo convite do pescador Marcos Souza (62 anos). Ele vai repassar as informações, precauções, definir a prioridade das espécies para a pesca e esclarecer como será feita a repartição dos ganhos ou o pagamento para cada pescador. Afinal, a pescaria

---

<sup>7</sup> Equipamento de proteção individual.

realizada pelo grupo é de cunho comercial, o que implica em conseguir capturar quantidades significativas de peixes, demandando de várias pessoas para o trabalho.



**Figura 4** – Redeiros.  
**Fonte:** Odin Barbosa, 2018.

Seguimos por quinze minutos até chegar à foz do Rio Mamerú, que deságua no Paraná do Ramos. Esse é o principal local da pescaria chamada de boca e também onde atracamos a embarcação junto a uma árvore caída sobre a restinga, exatamente onde as águas dos rios se encontram. As águas do Rio Mamerú são escuras e as águas do Paraná são barrentas, constituindo um fenômeno do encontro das águas naquela localidade.

Estávamos em quatro embarcações. Um barco de pequeno porte de quinze metros de comprimento com capacidade para armazenar, aproximadamente, seis toneladas de peixes. O barco pertence ao pescador Souza e é considerado um barco de pequeno porte, com uma caixa de gelo fixa em seu porão dotada de três compartimentos. Este barco acompanha os pescadores e é usado para armazenar os peixes, como que um frigorífico sobre as águas.

O barco é aconchegante como um lar familiar, e é o local onde os pescadores passam a maior parte do seu tempo durante as temporadas de pesca. No barco há objetos pessoais como mudas de roupas e redes de dormir, também há uma cozinha, banheiro e materiais suficientes para caracterizar a moradia.

Os pescadores usam duas canoas com aproximadamente oito metros cada uma. Elas também são descritas como de pequeno porte para o tipo de trabalho que os pescadores executam. Em uma delas é colocada à rede de pesca e a outra segue vazia, a qual acompanhará a pescaria para dar suporte quando os pescadores

lançarem algum cardume. No lado do barco, fica atracada uma bajara<sup>8</sup> que comporta isopores térmicos para armazenar pequenas quantidades de peixe, bem como fazer viagens rápidas à cidade. Tem ainda, uma canoa pequena usada pelo cambiteiro<sup>9</sup> ou o cumbuiador, que também são os personagens do grupo responsáveis pela observação da aproximação dos peixes.



**Figura 5** – Barco e canoa.  
**Fonte:** Odin Barbosa, 2018.

Essa canoa de pequeno porte é um tipo de embarcação definida por Monteiro (2010, pg. 22) como um “casquinho ou montaria”. São embarcações talhadas do tronco de árvores, como a Itaubeira, madeiras com resistência a água e longa durabilidade. Esse tipo de embarcação suporta no máximo duas pessoas e é ágil e silenciosa, perfeita para o tipo de trabalho de observação dos peixes.

O cambiteiro ou o cumbuiador ficam na posse dos casquinhos. O cambiteiro em sua função é o pescador que observa os cardumes e quando os avista emite um sinal para os pescadores que estão na canoa com a rede de pesca para que se preparem, pois os peixes já estão se aproximando. Ante a este sinal, os pescadores ficam em alerta e se posicionam nos lugares de lança para aguardar o cardume.

---

<sup>8</sup> Uma canoa grande com um motor de centro.

<sup>9</sup> Função de um pescador que trabalha com a observação e detecção dos cardumes de peixes. Vide Oliveira (2018).



**Figura 6:** Cumbuidor.

**Fonte:** Odin Barbosa, 2019.

Ao chegarmos à foz do rio Mampurú, local da pescaria, ainda é bem cedo, mas a claridade do dia já ilumina o cenário da pescaria, como que, as luzes de fundo de um teatro que aguarda ansioso pelo espetáculo. O vento começa a soprar e o rio começa a despertar preguiçosamente, mostrando suas primeiras ondas. Na margem do rio a restinga é tecida por uma borda esverdeada de capim, ainda umedecido pelo orvalho, e rendada pela vegetação de muri<sup>10</sup>, vegetação comum no período das vazantes nas áreas de várzea.

No alvorecer, os pescadores descem o Paraná do Ramos, e ficam à espreita dos cardumes. O sol começa a mostrar seus primeiros raios, permitindo a luminosidade suficiente para dar início à pescaria. E é neste cenário que nos lançamos investigar a forma pela qual os pescadores elaboram sua visão de mundo, dando destaque ao contexto das águas. Neste cenário, nos propusemos tecer considerações sobre o imaginário, a estética e a poética dos povos tradicionais na Amazônia, em seguida abordamos as dimensões do trabalho que atravessam o pescador e a pescaria e concluímos o capítulo interrogando-nos sobre o contexto das águas como lugar de onde provêm as narrativas dos atores deste trabalho.

---

<sup>10</sup> O muri é um broto, um cipó fino e resistente que cresce nas margens do rio. Eles se entrelaçam uns com os outros, tal como, as raízes de um manguezal servindo de abrigo para os peixes que estão migrando. É em meio ao muri que os pescadores ficam observando os peixes e aguardando o momento de eles saírem das raízes para poder lanceá-los.

## 1.1 Imaginário, estética e poética da Amazônia.

O imaginário para Pita (2005, p. 15) é considerado como:

essência do espírito, à medida que o ato de criação (tanto artístico, como o de tornar algo significativo), é o impulso oriundo do ser (individual ou coletivo) completo (corpo, alma, sentimento, sensibilidade, emoções...), é a raiz de tudo aquilo que, para o homem, existe.

A autora destaca a intimidade e a força proveniente do imaginário enquanto potencializador da capacidade criativa humana. O imaginário passa a ser uma relação entre a intimidade, algo interior e a expressão ou a criação que esta pulsão íntima induz o ser a fazer, a revelar ou a criar. Desse modo, o imaginário se configura em dois estágios, um premeditado e o outro sendo a manifestação.

Quanto a esse primeiro momento do imaginário, que pertence à intimidade do ser, do espírito, da alma, concerne a uma realidade sonhada. Esse estado onírico da realidade é onde são construídas as molduras, os talhos, os planos, é a arquitetura dos pensamentos gestando uma forma e também um significado para aquilo que será criado ou exporto. Esse estado motivacional das imagens possuem raízes profundas que vão alimentar o significado das formas realizadas pelo homem no decurso de seu percurso histórico.

Como bem destaca Pitta (2005), as formas são a segunda manifestação do imaginário sobrevivendo como símbolos, imagens, signos, figuras, que remetam ao sentido ou significado primeiro. Essas formas são as manifestações da alma, do espírito, da intimidade do ser, da realidade sonhada, a qual recebe um escopo artístico que a representará, como um ser composto de uma complexidade simbólica que vem ao mundo. As representações formais possuem uma natureza, um arcabouço material do universo que busca representar, sendo também, parte do imaginário.

Para Bachelard (1996) o imaginário vem a ser uma composição entre forma e matéria ou um imaginário formal e um imaginário material. A imaginação formal busca a superfície da matéria, é o que aflora, o que vem à tona, o que está a amostra de todos, o *à priori*. Já a imaginação material a parte edificante, trata-se do cerne, âmago, é o que constrói, o que constitui a superfície formal, nela reside as motivações simbólicas que impulsionam o imaginário material a adorna-se pelas formas.

Bachelard (1998) compreende a importância da distinção entre as formas e as matérias, bem como a compreensão fundamental das matérias, a qual o autor pontua como a questão principal. Esta recomendação condiz com o aprofundamento do conhecimento, algo que vai além das superfícies ou das formas para deslumbrar os encantos, as essências das imagens ou a sua materialidade.

Se fixar apenas no imaginário formal é negar o estado primitivo, a imagem fundante ou o ato criador das imagens, como destaca Durand (1998) ao se pronunciar sobre as motivações simbólicas. Essa origem motivacional tem um pertencimento oriundo na natureza das matérias, as quais são densas, profundas, ricas, e gozam da exuberância dos saberes, e é ela quem carrega o peso dos significados. Sobre essa materialidade surgem as formas como um adorno, delineando uma representação conveniente à sua matéria.

Até chegar as suas representações formais, Durand (1998, p. 41) percebe que o imaginário é um trajeto antropológico que se constrói e se modela “pelos imperativos pulsionais do sujeito”. Essa trajetória que se configura o imaginário relaciona-se com a materialidade observada por Bachelard (1998), e a manifestação simbólica ao imaginário formal.

Temos ainda, que a pulsão imaginária individual relaciona-se sempre a uma motivação social (DURAND, 1998). Desse modo, pela antropologia do imaginário pode partir e dialogar indistintamente da sociedade, a cultura, ou do natural psicológico de um indivíduo que se manifestará simbolicamente. Por tanto, Durand (1998), acrescenta uma reversibilidade da motivação imaginária manifesta na sociedade, sendo de cunho singular ou coletivo.

Como o imaginário parte do âmbito antropológico social, ele pode nos revelar possibilidades de como compreender a constituição sociocultural de um lugar. Essas possibilidades nos levam a compreensões superficiais e profundas, de representações imaginárias formais e materiais entre símbolos e de seus significados. Por tanto, as teorias do imaginário contribuem para aumentar a percepção sobre a relação que o homem desenvolve para o ambiente que o circunda.

Na Amazônia, a tessitura do real se funde com o imaginário junto aos povos tradicionais desta região (LOUREIRO, 2001). Não existem limites entre essas duas vertentes, as quais se misturam em uma viscosidade simbólica que pari inúmeros seres, encantados, assombrados, sagrados, criando um mosaico arquetípico com

figuras emblemáticas da cultura. Esse enredo brota do encontro do sujeito com o ambiente, onde um exerce poder de influência sobre o outro.

O universo imaginário mitológico é uma das maneiras mais profundas de “relacionar, compreender e explicar, na Amazônia, a relação dos homens entre si e com a natureza” (LOUREIRO, 2001, p. 99). Essa profundidade viscosa e densa do imaginário amazônico torna-se um solo fértil para a produção de interpretações, compartilhamento ou explicações simbólicas da realidade. Pelo imaginário o sujeito transfigura o seu ambiente, moldando-o de acordo com suas intimidades e estranhamentos.

Os mitos, figurações, criações e compreensões do imaginário tradicional são saberes culturais que se mantêm vivos nos diálogos e narrativas dos sujeitos tradicionais. O mito é “um princípio de racionalização”, sendo o primeiro momento de interpretação de um fenômeno, uma via de construção individual ou coletiva da identidade (PITTA, 2005, p. 18). O mito se configura num processo de civilização por construir um modelo de comportamento a ser seguido e mantido por uma sociedade.

Nos átrios da floresta os pescadores vivem junto a natureza relacionando-se no trabalho diário de retirar, da mesma, o sustento necessário para a sua sobrevivência. Cria-se uma tessitura onde as vidas das pessoas e a natureza se encontram, se misturam e criam novos sentidos e significados, relacionando-se de modo que não se pode identificar o ser dominante ou o dominado, mas um paradoxo entre dominação submissa e submissão dominante (LOUREIRO, 2002). Nesse contexto o imaginário unifica, funde o homem com a natureza e cria extensões de vidas abstratas que selam esse encontro.

No imaginário amazônico a natureza é personificada em seres e divindades, com significados distintos baseados na abundância dos elementais da floresta. Para Torres (2012) esses elementais são realidades concretas que alimentam a vida material e espiritual desses povos, que têm, no mundo sensível, o ponto de partida da sua espiritualidade. Esse encontro provém da intimidade forjada a cada dia seja no labor, seja na contemplação dos sujeitos com e sob a ambiência da natureza.

Esta afirmação nos leva novamente a Loureiro (1995) pois, para ele o homem amazônico compreende sua realidade de forma empírica e devaneia diante de sua beleza, podendo sentir, e recriar seu mundo. O homem tradicional da Amazônia passou a relacionar-se com a natureza para, em seguida, habituar-se a ela, deste

modo passou a ser um fator natural e não mais um intruso. Aprendemos com Loureiro (1995) que o homem amazônico recria o seu pensamento a partir do que já existe, encontrando-se dentro de uma complexidade experiencial provada todos os dias pelas diferentes relações que estabelece com o meio circundante.

É nesta vivência que o imaginário revela-se por meio de um “*sfumato*” que se cria como uma camada indefinida entre o real e o surreal (LOUREIRO, 2001). Essa indefinição elementar nos revela à inexistência de limites, entre homem e natureza, dessa forma, não podemos compreender o sujeito amazônico de forma separada de seu ambiente. Como o “*sfumato*”, temos uma realidade única, misturada, miscigenada, tal como o encontro das águas escuras de um rio com as águas amareladas de outro rio.

Essa mistura transgressora do sujeito amazônico encontra sua viscosidade por meio do imaginário. O sujeito se utiliza de seus devaneios para transpor sua interpretação advinda de inspirações vagas, instintivas, espirituais, contemplativas, sentimentais, experienciadas nos lugares que percorre. Então, o imaginário se responsabiliza, como uma força inconsciente, de delinear os devaneios unificantes de uma estética contemplativa amparada em profundas raízes sentimentais.

Nesta perspectiva, percebemos que para os pescadores a estética torna-se tão densa quanto às suas interpretações. Essa densidade estética não é apenas pela ligação que possui com o significado que representa, mas por tratar de uma significação viva, dos cenários naturais cheios de energia e completamente dinâmicos e por envolver o seu observador que põe diálogo, forma e matéria. No ambiente amazônico o pescador não é apenas aquele que contempla, mas é também um ser que compõem e que integra o ambiente dinamicamente, de forma ativa e passiva, ao mesmo tempo que sonha constrói e reconstrói.

Como bem destaca Pita (2005), as formas são a segunda manifestação do imaginário sobrevivendo como símbolos, imagens, signos, figuras, que remetam ao sentido ou significado primeiro. Essas formas são as manifestações da alma, do espírito, da intimidade do ser, da realidade sonhada, a qual recebe um escopo artístico que a representará, como um ser composto de uma complexidade simbólica que vem ao mundo. As representações formais tanto possuem uma natureza, um arcabouço material do universo que busca representar, como se alimentam das imagens possibilitadas pelo imaginário.

Essa densidade da estética vem se distanciar da simplicidade das formas compreendidas como adornos por Bachelard (1998), que nos remetem a uma superficialidade. Trata-se de uma questão diferente, pois não temos aqui um ser narcísico que se deleita com sua própria imagem na superfície das águas, mas uma imagem que envolve, absorve e se movimenta imprevisivelmente, contagiando e convidando-o a um mergulho que não se encerra em si mesmo, mas que aciona um contínuo de criação e recriação.

Sobre a visão que o sujeito amazônico exerce em seu ambiente, Loureiro (2001, p. 122) identifica um encontro do real com o irreal por meio de uma visão “imediate e mediata”. A visão imediata é observável na realidade, o racional; já a visão mediata está no campo da magia, no encanto, no simbólico, na estética que o ambiente revela. Para o autor, existe uma superposição entre essas duas realidades, onde uma acontece quase que simultaneamente com a outra, onde o olhar ora se volta para uma das realidades ora para as duas. Entre essas duas realidades o devaneio acontece de forma independente e interpretativa.

A interpretação, proveniente do devaneio e do encontro das realidades, constitui-se numa fecunda fonte do imaginário. Estas interpretações imaginárias vão parir magicamente uma infinidade de seres míticos concernentes a um ambiente, um horário, um lugar, uma ação, que promovem a manifestação desses seres. O inconsciente consciente se responsabilizará de invocar o surreal sobre o real ao suscitar as interpretações apregoadas no momento do devaneio.

O olhar de Loureiro (2001) nos leva a compreender que a dimensão estética acontece quando se transforma, quase que oníricamente uma realidade cotidiana. Para ele, a estética funciona como um *link* que leva o sujeito além da realidade substancial, biológica, física, comum, para um estado de maravilhamento, deslumbre, encanto, magia, admiração, adoração, devaneio. Essa metamorfose da percepção do sujeito sobrepõe o surreal ao real, tecendo uma película adjacente sobre a paisagem.

Para Bachelard (1998) as superfícies das imagens são realidades monótonas. Essa monotonia decorre da carência de significados atribuídos às imagens, tal como ocorre em um cenário ou ambiente que se torna comum para as pessoas que por ele transitam. Contudo, um olhar refinado sobre esse mesmo ambiente, que desperte o devaneio, a admiração e a contemplação, transforma esse ambiente em um espaço sagrado, profano, telúrico, sagaz, por atribuir-lhe sentidos que vão além das convenções.

Podemos analisar esse efeito como com uma analogia sobre as águas dos rios. Estas se tornam monótonas para sujeitos que dela se utilizam, para locomoção, labor ou lazer. Mas essas mesmas águas são ressignificadas quando o sujeito a contempla. A contemplação é uma das aberturas que permitem o encontro desses mundos que se entrelaçam, o mundo corriqueiro da rotina, podendo vir a ser o mesmo mundo impactado agora pela contemplação e formado por símbolos, formando uma realidade que podemos descrever como complexa, por ser reorganizada em seus sentidos e significados.

O símbolo, por sua vez, vem traduzir esse encontro unificador do ser com o ambiente. Esses símbolos são definidos por Durand (2002, p. 14-15) como:

Primeiramente e em si mesmo figura e, como tal, fonte de ideias, entre outras coisas. Pois a característica do símbolo é ser centrípeto, além do caráter centrífugo da figura alegórica em relação à sensação. O símbolo, assim como a alegoria, é a recondução do sensível, do figurado, ao significado.

Nas palavras deste autor, o símbolo não é apenas construção etérea, é ao mesmo tempo figura, fonte de ideias, de criatividade, de criação e elemento carregado de sentido. Trata-se de um lugar de trânsito no qual “o símbolo é sempre o produto dos imperativos biopsíquicos pelas intimações do meio” (DURAND, 1997 p. 41). Neste sentido o símbolo não encerra uma verdade absoluta, é moldado a partir das determinações tanto do produto como do trajeto.

É neste meio termo que a dimensão estética do imaginário aciona o recurso poético como recurso expressivo deste lugar de trânsito que caracteriza o imaginário. A poesia vem narrar os principais momentos de transição paradigmática que o mundo já teve (LOUREIRO, 2002). Nessa perspectiva, a poesia é construída a partir das narrativas, das palavras, das histórias que falam das, crenças, mitos e aventuras dos povos, repassando a cultura e a tradição para a posteridade e se eternizando por entre veredas orais e escritas. Nesse viés, a poesia não se manifesta apenas por estruturas semânticas que obedecem a roteiros de escrita e um rigor padronizante da linguística, mas se desvincula seguindo um caminho contemplativo da expressão que advém das manifestações humanas moldadas pelo símbolo.

O cenário ou a estética amazônica vem compor uma poesia, a poética da natureza narrada pelos habitantes da região. Mas a poética não pode ser reduzida apenas a sua dimensão literária, ela é um instrumento de interpretação dos

fenômenos culturais, ela desperta o estado de devaneio, fecundo, no sentido de criação de um pensamento próprio que advém da contemplação, sendo que, a contemplação é a forma de leitura desta poesia (LOUREIRO, 2001). A poética vem a ser um estado de compreensão imaginária de uma realidade, uma estética, sendo a interpretação da poesia, aquela que revela o que é original e importante no tempo de uma cultura (LOUREIRO, 2001).

Para Morin (2012, p. 136) o “estado poético é um estado de emoção, de afetividade, realmente um estado de espírito”. Isso vem corresponder a uma questão íntima de interpretação pela vivência, experiência, ao ponto de estabelecer uma ligação com aquilo a que estamos nos relacionando ou contemplando. É um contato da intimidade com a exterioridade, um atrito que advém do sentimento.

Esse sentimento que advém do estado poético é dissonante à métrica estruturalista, pois é um estado libertador. Ele aciona a emoção, a afetividade e o espírito através de sentimentos os mais adversos, do prazer e da loucura ao amor, do ódio, da ostentação, e da luxúria, à adoração, ao encantamento e êxtase (IBIDEM, 2012). A satisfação torna-se a pulsão motivadora, aquela que vai lançar o ser na aventura da vida, da intensidade, do risco, para satisfazer os desejos do corpo e também do espírito.

Poderemos encontrar o estado poético de várias formas, como foi identificado acima, porém com intensidades semelhantes. Essas formas ou caminhos decorrem desde uma busca sacramental ao mais telúrico dos desejos, transcorrendo a bebidas, rituais, festas, danças, arte, estética, espetáculos, jogos, e encontrando o seu subterfúgio em traduções que vivificam e eternizam o ser pelas linhas temporais da existência. A intensidade de cada busca vai aflorando o sentimento, a coragem, a força para superar os próprios limites físicos e emocionais.

O estado poético entrelaça-se com o imaginário de forma fecunda, produzindo traduções consolidadas por meio dos devaneios que instiga. Tal como o sujeito amazônico que se envolve e se permite envolver pelo ambiente ao qual despoja, e que pelo contato ou contemplação, gesta uma motivação transgressora que o permite dissipar o tempo, promulgando a sua vida em uma cadência diferenciada. Dado o mérito de, que o estado poético detém o poder de vencer os limites temporais pelas interpretações fundantes de uma epopeia viva, a natureza.

A ruptura temporal advinda dessa explosão de sentimentos do estado poético encontra seu ápice no êxtase (IBIDEM, 2012). O êxtase é o limite da realização

máxima alcança por alguém ou com alguém, o ponto de encontro com a realização de si e a superação de si. É um transe, um paroxismo, vivido em uma crença, dança, ou por meio de uma bebida, droga, meditação. E o que proporciona o êxtase ou a busca por um momento de êxtase é o amor.

Para Morin (2012) a vida da poesia é o amor e este amor vem nos dar o êxtase psíquico e o êxtase físico. O amor pertinente ao êxtase psíquico corresponde à satisfação imaginária, proliferada em um matiz de cores com a contemplação, admiração, maravilhamento, adoração, devaneio. Já com o êxtase físico, o amor volta-se para uma busca de saciação com orgasmo, para fazer jorrar, extravasar as energias ou reabastecer-se de energias profundas do cosmos. O amor vem perpetuar tais motivações e incitar o estado poético, que por sua vez, proporciona excitação no poeta.

De acordo Bachelard (1998), para que o ser possa contrair uma experiência poética, ela deve ser posta sob a dependência da experiência onírica. A experiência é provar, sentir, mergulhar, o se entregar ou se abrir para alguma coisa que lhe conduza a uma irrealidade, para o autor seria como tirar férias do real. Esse contato, essas férias da realidade proporcionam ao ser uma ampliação da sua capacidade perceptiva abrindo possibilidade de acesso à zonas até então interditadas pelo domínio do lugar que se convencionou chamar de real.

A poética torna-se fonte de vida e é essência necessária para perpetuação do sentido de vida amazônica. Cada singularidade, costume, crença, tendem a manter, de algum modo, um perspectivismo original, fundante, sentimental e norteador para os povos que habitam a região. Sendo que estas singularidades se interconectam, tecendo um manto representativo da epopeia amazônica.

## **1.2 Sobre pescadores e pescarias**

Os pescadores relacionam-se com a natureza em um processo cultural de vida e trabalho. Tecem junto a ela um significado para a sua vida com base nos elementais abundantes na floresta. Como afirma Torres (2012), esses elementais são realidades concretas que alimentam a vida material e espiritual desses povos, que têm, no mundo sensível, o ponto de partida da sua espiritualidade.

Para os pescadores, cada movimento, desde um sutil olhar até as fortes braçadas com o remo na água gesticulam um significado. Mesmo que sejam ações

despercebidas aos olhos dos pescadores, elas transmitem um tipo de ligação que o homem possui com a natureza, sendo que essa ligação associa-se com os sentimentos que os mesmos esboçam em sua atividade. Para alcançar e compreender esta relação do pescador com o seu ambiente, se faz necessário compreender a substância imaginária que o envolve presentes na relação entre o pescador e a atividade laboral que ele desenvolve, a pescaria.

Este personagem é interpretado, ao mesmo tempo em que ele próprio, atribui sentidos à sua atividade e existência. Dependendo da forma como é observado, ele ganha interpretações de ordem social, poética, cultural, folclórica, econômica etc., que vão descrevê-lo de forma categorizada e linear. Porém, todas as representações possuem um ponto em comum, suas motivações, sempre partem dos elementos que emolduram um personagem a partir da natureza.

Pela arte, o pescador é tomado pela representação romântica, dramática ou cômica, protagonizando cenários que hora o seduz, encanta, envolve e lhe da vida, e outrora o repudia, castiga, flagela, e lhe roubando sua potência. Observemos Vinícius de Moraes (1946) no poema “Pescador”, que retrata o pescador em sua atividade, com seus instrumentos e com os elementos que o acompanham:

Ah, pescador, que milagre maior que tua pescaria!  
Quando lanças tua rede lanças teu coração com ela pescador!  
Teu anzol é brinco irresistível para o peixinho  
Teu arpão é mastro firme para o pescado, pescador!

No trecho, o poeta destaca não apenas o pescador, mas seus instrumentos. Isso mostra que não se trata apenas de um personagem atuante, mas de um conjunto de técnicas variantes desde sentimentos íntimos, como a esperança representada pelo coração do ser, a seu arreio de pesca. Assim sendo, cada apetrecho vai ganhando seu devido espaço e importância para variados tipos de pescaria e, até mesmo, para os peixes.

Sobre as redes, desde o seu lançar, elas possuem malhas carregadas de sentimento, esperança e preces às divindades para que se compadeçam e lhes retribuam o esforço com o pescado. As redes sempre são lançadas com o peso de sua forma e com o sentimento de sua matéria, elas vão carregadas, mas nem sempre são recolhidas do mesmo modo. Triste é ver quando um grande esforço não é retribuído em proporções satisfatórias.

Não obstante, os pescadores da Comunidade do Maranhão vivem por uma experiência similar quanto ao esforço da pesca. Todo o esforço, coragem, saberes, dor, dos pescadores muitas vezes não é recompensado pela natureza. Quando a pescaria não é satisfatória, o insucesso na pesca, em vários momentos, é visto como castigo, punição e flagelo. Porém, a dor é também revigorante, afinal, no dia seguinte, os pescadores novamente assumem seus postos e retomam a pescaria.

Na odisseia amazônica, o pescador é um personagem emblemático, pois, a partir de sua relação sensível como o ecossistema circundante, desenvolve vínculos com o ambiente. Aos olhos menos avisados, parece apenas uma ligação comensal e aproveitamento dos recursos naturais para sua sobrevivência, mas, observa-se que isto parte de um convívio integrado, onde habilidades e modos de fazer vão sendo tecidos a partir do convívio. São os processos de observação e experimentação do pescador com o rio, não apenas pela necessidade fisiológica, mas também por vias imaginárias, esta dualidade presente no cotidiano é representada pela fala do pescador Roberto Soares.

Não é uma vida muito fácil, tem lá seus riscos, o trabalho é quando aparece o peixe, enquanto isso a gente fica na espera. Mas quando aparece, os guerreiros tem que dar conta. (Roberto Soares, 58 anos, Entrevista, 2018).

Nas águas se faz o cenário da atividade dos pescadores, um cenário que envolve tanto a espera como a ação de lançar as redes de pesca, armar as malhadeiras e a preparar todo o arreo<sup>11</sup>. Envolve a coragem para adentrar nos igapós<sup>12</sup>, anhingais<sup>13</sup> abrir os barrancos para colocar as malhadeiras, arrastar canoas por dezenas de metros para chegar aos lagos piscosos, enfrentar as intemperes naturais como chuva, vento, calor ou frio para encontrar os desejados peixes. Além da atividade física, os pescadores gozam de terapias laborais ao provarem sua paciência aguardando os peixes malharem nas malhadeiras, se aproximarem das redes ou fisgar nos anzóis.

Mas o termo que eles mesmos se definem, corrobora para compreendermos que não se trata de aventura, mas de um combate, quando o pescador fala “os

---

<sup>11</sup> Equipamento a ser utilizado na pescaria. Pesq. 2018.

<sup>12</sup> Matas que permanecem inundadas por quase todo o ano.

<sup>13</sup> Tipo de planta aquática que se aglomera em lagos e igapós.

guerreiros tem que dar conta”. O termo guerreiro, fazendo alusão àqueles que vão para a guerra, combate, confronto, apontam para este caminho insólito entre derrotas e vitórias, heróis e vilões, entendendo sua atividade como um trabalho.

Os pescadores buscam a alegria e felicidades das águas, por meio de uma boa pescaria, mas para isso, é preciso passar pela espera. A espera do pescador é compreendida por Monteiro (2010, p. 69) como o momento “em que ele namora a virtualidade” do ambiente da sua profissão permitindo que ele resista a longas jornadas do dia ou da noite desenvolvendo a atividade da pesca. O “namorar” do pescador, indica um trabalho que é exercido na espera e numa ação que precisa estar pronta para concretizar-se.

Sobre essa perspectiva da espera sobre a canoa o pescador Roberto Soares (58 anos nos diz que,

Faz parte de todo o processo, uma coisa que todo pescador tem que ter é paciência pra esperar, afinal, a gente nunca sabe quando os peixes vão aparecer, aí temos que esperar”. (Entrevista, 2018)

A espera é um dos momentos onde ocorre o devaneio do pescador, quando em grupos, eles interagem para passar o tempo e quando sozinhos, contemplam o horizonte das águas acompanhando-lhe todos os movimentos possíveis. Essa é a espera, requer olhos sempre atentos, corpo tensionado e ao mesmo tempo relaxado, sentidos em prontidão e um observar atencioso e esperançoso de que os peixes apareçam.

Os olhos, para Bachelard (1998), são a porta da sedução, pelo olhar se encanta, realiza-se a conquista. O olhar do pescador é o namorar, como se fosse um jogo de sedução entre ele, os peixes e as águas ou com, o que nem sempre termina em conquista, mas como em um namoro, pode acabar em uma negação. De qualquer modo, o pescador namorador das águas, insaciável, insiste em uma conquista pois esperar, namorar e enamorar-se é própria do seu trabalho.

Compreendemos com Torres (2005, p. 18) que a “vida na Amazônia campeia entre a contingência material do mundo fenomênico e as representações do mundo imaginário e sobrenatural”. Dentre essas representações afloradas no ambiente cultural, surge a diversificação mítica e mística parindo, assim, os seres das florestas e construindo suas respectivas moradas. Tal ligação e criação imaginária humana vincula o pescador com o seu ambiente, ressignificando os sentidos da vida.

O pescador narra o enredo de suas aventuras e mitos partindo de suas experiências. Da sua canoa ele observa a Cobra Grande transformar-se em uma linda mulher, confronta a Tapire-iauara<sup>14</sup>, se deleita pela Iara mãe d'água, enfrenta o Boto, é amigo do Bode do Mirundé, resiste à estranheza do espírito do Lago, teme a Velha Gulosa, salvaguarda-se com o Mão Grande. Em meio a esse universo imaginário e mítico do pescador, percebemos que para compreender o que é ser um pescador, devemos compreender a conjuntura de seu ambiente e as relações existentes entre eles por meio de sua narrativa.

Tais narrativas são consoantes no ambiente dos pescadores da Comunidade do Maranhão. O pescador Roberto Soares (58 anos) nos fala sobre a Iara da seguinte maneira: “a gente sempre fala, mesmo que de brincadeira, pra Iara dar uns peixes pra gente, e quando a gente tem alguma bebida, a primeira dose é sempre derramada pra ela” (Entrevista, 2019). A narrativa revela essa relação de intimidade entre o pescador e as divindades. Trata-se de uma relação de proximidade que é complementar à atividade da pesca e não exclui o risível, o cômico mas, evidencia uma relação de unidade existente entre o mágico, a ação e as expectativas que se estabelecem entre essas dimensões aparentemente duais.

Esse contexto dual é compreendido por Bachelard (1998, p. 1) como “imaginação formal” e a “imaginação material”. A forma ou imaginação formal é a superfície da matéria, é o que aflora, o que vem à tona, o que é visível, o *à priori*. A imaginação material é o cerne, âmago, é o que constrói ou constitui a superfície formal, trata-se do significado, como aquilo que justifica, que dá o sentido. Em outro momento Bachelard (1998, p. 18) nos leva a refletir que “a imaginação não é, como nos sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; é a faculdade de criar imagens que ultrapassem a realidade, que cantam a realidade”.

Mas percebemos que a realidade do pescador se estende para uma interpretação complexa onde a dualidade de forma e matéria na verdade são multiversos de realidades em estados perenes de mudança. Isso se faz similar ao estado de entropia compreendida por Prigogine (1991), em que a desorganização na verdade é um estado de organização, aprendizado, erros, acertos, criações e esquecimentos. Entrópico é algo que pode melhor descrever, neste momento, a vida do pescador.

---

<sup>14</sup> “Uma criatura mítica animalizada, guardiã de rios e lagos na região” (Roberto Soares, Entrevista, 2018).

Nessa tangente, a busca por compreender a realidade do pescador, nos permite ver os frutos dessa entropia por imagens da pesca em seu simbolismo. O significado atribuído a cada instrumento, elemento ou forma de pesca não precisa mais ser criado, pois, já existe no labor dos pescadores. Tais representações precisam ser observadas e interpretadas tanto quanto a realidade da Amazônia, por ser uma realidade dentro da região, correspondendo a um primado de originalidade entrópica que não se pode dimensionar ou controlar.

A gente não sabe a hora nem momento que ele vai aparecer. Tem dias que a gente pega um pouco, dias que não pega nada, quando a gente dá sorte de acertar o cardume é bom, aí a gente faz a carga do barco. (Marcos Souza, 62 anos, Entrevista, 2018).

A começar da instabilidade ou da incerteza que o pescador possui sobre sua atividade, com base nas premissas da natureza, começa a instabilidade do vir a ser. Não é possível prever quando ou onde os peixes vão surgir, em alguns momentos os pescadores figuram no ambiente apenas como observadores, isso quando avistam o cardume, mais se fazem impotentes ante as adversidades do lugar<sup>15</sup>. Então, esta é uma possibilidade que pode ou não concretizar-se no tocante à pesca.

O pescador é uma realidade substancial extremamente material na vida tradicional da Amazônia, mas não se reduz a ela. A profundidade imaginária ainda é observada de forma oculta, obscura, mas sendo a própria matéria daquilo que dá sentido à vida na Amazônia. Compondo um universo de símbolos que, segundo Durand (2002, p. 14-15), não é apenas construção etérea, é ao mesmo tempo figura, fonte de ideias, de criatividade, de criação e elemento carregado de sentido. É possível dizer que o ato criativo que o símbolo desencadeia é ele mesmo criação do sensível que religa pela aparição numa tentativa de materializar o indizível sendo para o autor, uma parte da estrutura que constitui o imaginário Durand (2002).

Conforme observamos nas visitas a campo, os detalhes simbólicos que o pescador utiliza na pescaria são cruciais para determinar ou indicar a aproximação dos peixes, espécie, quantidade, etc. O lapear<sup>16</sup> dos peixes é um destes símbolos, o anúncio de que os peixes estão por perto e pelo som que é emitido dessa ação, o

---

<sup>15</sup> Tais adversidades correspondem as condições naturais como a correnteza, a profundidade, vento, geografia do leito (pode conter pedras, galhadas, etc.), ou mesmo as condições físicas dos pescadores.

<sup>16</sup> Dito de quando o peixe bate o rabo à água, um tipo de boiar.

pescador consegue identificar a espécie e até mesmo se o peixe é grande ou pequeno. Desse modo, cada ação, gesto, som, cheiro, constituirão um universo simbólico do qual o pescador é um especialista.

Então, não se tratam apenas de homens ou mulheres que se aventuram aleatoriamente pelas águas da região. Trata-se de pessoas criativas e conhecedoras de um ambiente complexo que, pelos ensinamentos e experiências adquiridas durante sua trajetória de vida, foram construindo suas técnicas e equipamentos que correspondam a cada tipo de pescaria (MONTEIRO, 2010). E em termos de criação, o pescador é como um artista, que observa pacientemente, estuda, e se prepara para o exercício de um trabalho que também é a sua própria vida.

Em nosso caderno de campo, quando estávamos acompanhando uma das saídas para a pesca realizada no dia 18 de setembro de 2018, observamos que a paciência é, também, uma das grandes virtudes dos pescadores. Nesse momento reflito sobre até o ponto em que a paciência deixa de ser paciência e se torna conformismo. Todas as decisões são friamente calculadas, pois, um erro significa um grande desperdício de energia, danos no arreo e/ou mesmo o próprio risco de vida dos pescadores. Na pescaria, não se trata apenas de identificar as espécies e verificar se o cardume está agrupado para facilitar o lanço, mas também, verificar o lugar ou a “paragem” que o peixe se encontra, se está sobre algum “pedral” ou “pausada” se a correnteza é muito forte ou se o cardume está no remanso.

De cada investida, mesmo que fracassada, o pescador acumula suas experiências aperfeiçoando e ampliando seu arcabouço de ideias. Depois de cada aventura, surge uma história nova, dramática, cômica ou exagerada, dependendo do humor, porém são relatos consumados pela experiência de se expor às novidades e instabilidades que podem ser encontradas. Dessa forma, ele constrói uma poética imaginária que cintila o ambiente com os seus saberes, instrumentos e com os peixes.

Tratar o pescador como um legítimo observador, também vem a calhar, pois é pelo fino olhar que tudo vai sendo identificado. O pescador observador fica à espreita, seus olhos são também seus ouvidos, e os demais sentidos, desde que contribuam para acompanhar ou alcançar seus objetivos. Mas o observador também pode ser um impotente que apenas observa e que nada pode fazer.

Em uma das conversas quando contavam sobre uma de suas experiências, ouvimos o seguinte relato,

Manozinho, o peixe entrou boiando na rede mano, e a gente foi terminando o lanço rápido, sem fazer barulho, mas o desgraçado sentiu o pano da rede cara, o bixo é muito rápido, ele sentiu a rede e antes de a gente terminar o lanço o peixe já ia saindo de novo. A gente nem terminou mais o lanço, só fizemos já ir devolvendo a rede, mas foi é a vontade de Deus né mano, uma hora é a nossa vez de pegar (Roberto Soares, 58 anos, Entrevista, 2018).

A narrativa deixa evidente as limitações que o pescador possui com a natureza, algo que não é constante, porém que também não é raro. O trabalho do pescador precisa de algo fundamental além do conhecimento, parece que uma dose considerável de piedade também faça parte do sucesso na pescaria, para que possa superar os contrapontos limítrofes condizentes com sua condição humana. Por conta dessas limitações e outras similares, os seres míticos, as divindades torna-se um viés de fuga para, também, justificar as falhas e acertos.

Para compreendermos o imaginário poético do pescador, talvez seja preciso entender que a construção emerge do seu encontro com a natureza (LOUREIRO, 2001). O pescador não constrói o imaginário sozinho, ele efetua essa construção com seus pares tendo as águas e a floresta como cúmplice de sua saga, seja pela forma física ou pelas representações espirituais criadas por ele. Sua poética segue uma métrica assimétrica que orbita o pescador e a natureza.

O que suscita uma série de estruturas imaginárias de tempos presentes e periféricos. Tais estruturas, aliadas ao modo de operar (laborar, sonhar, fabular, sentir e atuar), constroem o arcabouço sobre o qual o pescador vai dando sentido à vida, organizando suas percepções individuais e coletivas de forma peculiar. Isto acaba por unificar uma perspectiva integrada à sua capacidade de interação com o ambiente, no caso as águas.

Em um dos diálogos com o pescador Marcos Souza, ele nos conta sobre uma história em que o boto estava perseguindo uma família. O diálogo aconteceu no barco de pesca, pela tarde de uma quarta-feira do mês de setembro na boca do rio. Conversamos por várias horas, até ele começar a contar a história do boto.

Teve uma vez que nos estava pescando lá em Uruará, aí lá tinha uma família, era uma comunidade pequena, daquelas que é formada pela própria família mesmo, era umas quinze pessoas que moravam por lá. Aí eu sei que tinha um negócio dum boto por lá que ficava perseguindo as pessoas, malinando muito da família, dava lá aquelas horas, era gente pulando no quintal, era outros querendo ir pra água,

eu sei que o negócio foi tão feio que eles tiveram que se mudar dali. (Marcos Souza, 62 anos, Entrevista, 2018).

O boto ilustra um ser metamórfico que transita entre o real e o imaginário dos povos tradicionais (LOUREIRO, 2001). Hora ele é um animal, um cetáceo habitante das águas, outrora se metamorfoseia em um belo homem sedutor, que surge em meio a festas e arraias no interior, buscando seduzir alguma moça de seu agrado. Então, o boto persegue sua vítima com um encanto que a envolve por completo.

A figura do boto é bastante comum na região amazônica, seja como um ser encantado ou como um animal das águas. Contudo no imaginário tradicional, o boto, como um ser encantado, é símbolo de perseguição por ser aquele que seduz as mulheres, engravidando-as ou as levando para as águas. A narrativa revela que, mesmo o boto não levando ou engravidando alguma mulher na comunidade, ele foi o responsável por expulsar a família do lugar.

Na boca, ondes os pescadores da comunidade do Maranhão pescam, existe uma grande quantidade de botos. Para os pescadores, isso não é bom, pois os botos representam uma concorrência danosa para os pescadores por espantarem os cardumes ou causarem estragos nas redes de pesca. Algumas vezes os pescadores utilizam bombas caseiras para afugentar os botos ou lançam arpões para afastá-los do pano da rede.

A mitologia e o simbolismo vivido pelos pescadores engendram a complexidade da relação existencial do pensamento do homem com a natureza. Esse pensamento amazônico, ainda obscurecido pelo descaso com os sujeitos tradicionais, constituem saberes e conhecimentos narrados a partir da vivência dos sujeitos tradicionais. Condizendo com uma visão própria, um jeito característico de fazer, pensar, ver, compreender.

Tal visão e compreensão de mundo do pescador amazônida perpassa o físico, o tangível e aprofunda-se no imaginário, mergulha nesse mundo sensível, mítico e espiritual (TORRES, 2012). Nesse âmbito o pescador faz o seu devaneio e justifica a sua existência reconhecendo-se como sujeito natural interligado com as águas. É como uma simbiose que o conduz inconscientemente para, quase que um delírio de interpretação, e que depois retrocede como saber e ação.

O pescador a bordo de sua embarcação risca os rios diariamente golpeando as águas com o seu remar. Seu olhar namora o horizonte em busca de sinais, do lapear,

rebujo, piririca, e de sua canoa ele fica a espreitar sua presa. O seu corpo segue o ritmo da maresia, encrustado, curvado, vez em quando molhado, fonte de sabedoria.

A pescaria regional possui uma estrita ligação com o imaginário das águas, campeando inúmeros mitos e contos. Para Lurker (2003 p. 264) “o rio é divino em si mesmo”, mas as representações não se voltam para os fenômenos naturais, mas para as “divindades que nele se representam” por meio das narrativas míticas transcorridas pelos pescadores. As representações que os pescadores possuem são bastante variadas e percorrem um conjunto de mitos e lendas que não obedecem a segmentos ou padrões.

O pescador é aquele que sempre está à espreita, buscando de algum modo, alcançar seus objetivos. De uma forma mais literal, ser pescador é ser uma pessoa que está buscando por algo, podendo ser por peixes ou por inspirações, devaneios, reflexões, amores, virtudes, compromissos, pessoas, ser um “pescador de ilusões”, como expressa a música do grupo O Rappa (1996), ou ser um “pescador de almas”, como narra o evangelho bíblico. O pescador segue com um lastro de significados imaginários, mesmo fora do ambiente das águas, e mesmo sem estar relacionado a peixes.

Ao acompanhar os pescadores da Comunidade do Maranhão, compreendemos um pouco mais sobre esses saberes por meio das conversamos e do convívio. A convivência com os pescadores nos revelou a dedicação, entusiasmo, felicidade, drama, os sentimentos que os envolve no âmbito de sua atividade. Essa ação humana para suprir suas necessidades nos faz pensar que o sentido de aventura, junto aos pescadores, torna-se um sinônimo do sentido de labor. O labor é descritos por Arendt (2007, p. 15) como:

A atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujo crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio têm haver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo labor no processo da vida. A condição humana do labor é a própria vida.

A ação laboral cotidiana dos pescadores corresponde a uma necessidade vital que se impõe para que ocorra a sobrevivência. O trabalho é a ação do homem para conseguir o essencial ou suficiente a sua manutenção e de sua família, tal como os pescadores artesanais, que se sujeitam aos riscos físicos decorrentes de sua atividade mas, não se reduz à ela, no caso dos pescadores da Comunidade do Maranhão o labor

é mais que trabalho com a finalidade de subsistência, a pesca é parte de sua vida e de sua história, razão de ser da relação comunitária e da ligação que estes personagens tem com a natureza.

Os pescadores encontram um significado laboral no contato com as águas. Essa afirmação condiz com a fala do pescador Mário Samaúma, ao dizer que “não há outro sentido pra vida, quando se pega o gosto, se entra em sintonia com a natureza, e gente se sente parte dela” (Entrevista, 2018). Essa sintonia abarca um sentimento de pertença que se justifica pelas relações que estabelecem com o trabalho seja mais que esforço, trabalho parece ser também lugar de prazer.

### **1.3 O pescador, homem das águas**

Compreender o pescador como homem de ação nos lança para uma percepção do seu ambiente, as águas. Como campo de ação, o pescador deleita-se pelas águas dos rios e lagos, serpenteia pelos igapós, atravessa restingas e barrancos, percorre enseadas, confronta as correntezas, resiste ao sol, à chuva e ao vento, para alcançar seu objetivo maior. Tal ação exige esforço físico e um refinado saber sobre os lugares de pesca, sobre os peixes e o manuseio de seus instrumentos. Sobre as formas de ação dos pescadores, Monteiro (2010, p. 22) diz,

Conhece as manhas dos peixes, suas preferências por este ou aquele local (comedia), as idiocrazias, o que come e onde dorme a época das ‘saídas’ (piracema), onde desova, o tempo de demora no interior dos lagos.

Para os pescadores é fundamental conhecer a natureza dos peixes, conhecer os hábitos de cada espécie, principalmente aquela à qual se deseja pescar. Os pescadores receberam esses conhecimentos de seus antepassados e buscam o aprimoramento e a eficiência da sua pescaria, porém, mantendo a tradicionalidade ou ressignificando seus saberes em uma cadência diferenciada. O que nos leva a compreender que o saber torna-se um dos principais atributos que, qualquer pescador que se preze deva possuir.

Sobre o gosto e o prazer de sentir o ambiente e de se sentir parte deste ambiente, o pescador Roberto Soares (58 anos) conta sobre algumas experiências que passou com seu pai. Ele nos diz:

O meu pai tinha uns setenta anos, já estava meio baqueado<sup>17</sup>, as ele gostava muito de esta no meio da pescaria, a gente falava pra ele não ir, pra ficar na casa dele, mas o velho era teimoso. Ele acordava bem cedo e fugia no casco<sup>18</sup> dele pra boca<sup>19</sup>. Quando a gente ia chegando, a gente via de longe ele no casco no meio do rio fumando o porronca<sup>20</sup> dele esperando nós. A gente conversava, ralhava ele, mas não adiantava, o velho gostava demais de estar ali. (Entrevista, 2018)

A narrativa revela um enlace entre o pescador e a natureza que o vivifica diante do tempo permitindo que ele resista em sua atividade, mesmo em idade avançada. O modo de fazer e agir aflora um sentimento de utilidade claramente manifestada na ação do pescador idoso, contrapondo o sentido de trabalho como algo necessário para conseguir recursos – como algo necessário para satisfazer uma vontade, um desejo ou prazer. Tal situação torna-se comum na comunidade entre os pescadores e também entre os agricultores, onde as pessoas persistem em se manter ativos nas jornadas diárias.

Na Comunidade do Maranhão, localizada próximo à foz do rio Uaicurapá, os pescadores que possuem destaque são os redeiros. Estes trabalham nos rios com redes de pesca artesanais feitas com linhas de nylon apropriadas para realizar grandes círculos, denominados pelos pescadores de lances<sup>21</sup>. Eles se destacam por possuírem uma atividade bastante rentável em determinados períodos, como o da piracema.

Os redeiros ficam próximos à foz do rio, em lugares estratégicos conhecidos como lugar de lanço. Esses espaços são estudados e limpos no período das vazantes para que não corra o risco de engate da rede de pesca. Também são lugares em que os peixes costumam fazer parada, e neles, os pescadores ficam aguardando os cardumes de peixes passarem para realizar o lance e capturar grandes quantidades de peixes. Os peixes capturados servirão tanto para o seu consumo, quanto, para a comercialização no mercado da cidade.

---

<sup>17</sup> Doente, fraco, abatido.

<sup>18</sup> Pequena embarcação feita do tronco de uma árvore, montaria.

<sup>19</sup> Este termo corresponde à foz do rio ou “boca do rio” no linguajar popular dos pescadores da Comunidade do Maranhão. Para eles, o termo “boca” tornou-se um símbolo que condiz com a expressão “ele foi pescar”, quando pronunciam “ele tá pra banda da boca”. O lugar é um dos principais pontos de pesca da região da Comunidade, nele passam grandes quantidades de peixes em determinados períodos do ano. Porém, é destacado pelos pescadores, que a cada ano que passa, as quantidades estão diminuindo, bem como o tamanho dos peixes. A isto, eles justificam que é por conta da demanda cada vez maior pelo pescado.

<sup>20</sup> Cigarro de tabaco feito pelo próprio pescador.

<sup>21</sup> Dito dos pescadores de prender os peixes em redes de pesca.

Contudo, pensar no pescador é pensar em um integrante da natureza, um sujeito que mantém um respeito com o ecossistema. Como um vínculo, tem-se uma interligação que pode ser comparada ao que Capra nomeia de teia da vida. Na teia da vida, Capra (1996, p. 14) se utiliza do termo “ecologia profunda” para descrever “o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes”. Similar à nossa percepção do ator do pescador no seu ambiente, e de nossa própria vida.

Nesse sentido, a teia da vida vai compreender que estamos envolvidos nos processos cíclicos da natureza e, de certa forma, somos dependentes desses processos. Capra (1996) assinala que o conceito de ecologia profunda vem contrapor-se ao de ecologia rasa, esta última antropocêntrica e centrada no humano, ao passo que a ecologia profunda requisita o sentimento de conexão e pertencimento entre o homem e o cosmo, tal como é possível observar na relação entre os pescadores e o ecossistema amazônico, especialmente nas águas. No ambiente não há necessariamente uma disputa, mas uma interação entre a ação humana e a ação da natureza.

Assim, a figura do pescador é vista a partir de sua relação sensível como o ecossistema circundante, revelando seus vínculos com este ambiente. Tratando-se de um convívio integrado, as habilidades e modos de fazer são bordados a partir de processos de observação e experimentação do pescador com as águas ou a terra.

O pescador é o ator, o personagem, o construtor, ele é ao mesmo tempo o sujeito ativo e o ser passivo na ação. É a constituição de um personagem masculino que atua na feminilidade do cenário das águas, em uma dualidade complementar e indissociável. Das águas, os pescadores retiram seu alimento, retiram a vida para sustentar a vida em um cerimonial condescendente.

A feminilidade das águas é contemplada em diversas culturas por conta de suas semelhanças com a mulher. As ondas se assemelham com os cabelos longos de uma dama, a profundidade e o mergulhar também retrata a feminilidade simbólica, e ainda, como afirma Durand (1998, p. 101), a constituição da “irremediável feminilidade da água é que a liquidez é o próprio elemento dos fluxos menstruais e continua dizendo que o arquétipo do elemento aquático e nefasto é o sangue menstrual”.

A feminilidade da água afirmada por Durand nos remete a um sentido cíclico da mulher, podendo ser entendido também pela vida, morte e renascimento. Trata-se de volúpias. Ao analisar as águas, Bachelard (1998) discorre sobre um imaginário que concerne aos tipos de águas. Ele vai determinado simbolicamente que cada ambiente condiz com um tipo de personalidade promovendo variados momentos de reflexão com base no imaginário.

A água possui uma íntima relação com a lua, que também apresenta ciclos, mas a marca desta forte ligação não são estes ciclos, porém é a feminilidade que a lua também possui na representação simbólica de sua forma. A lua, por sua vez, possui grande influência no cenário dos pescadores e é um dos principais fatores para a atividade, funcionando como um indicador de maturação para a ação da pescaria.

A lua é um satélite natural que orbita em torno da Terra e, que, possui grande influência nos fenômenos naturais, tais como nas marés, nas plantações e nos animais. A lua é um astro luminoso que reflete a luz solar e alterna-se em ciclos que “sugere sempre uma repetição” (DURAND, 1997, p. 287).

Este astro segue um ciclo quaternário e surge como a primeira medida de tempo, suas quatro estações duram respectivamente um período de sete a oito dias cada estação. A lua surge no quadrante tempo como a primeira referência de calendário, e Durand (1997, p. 286) nos recorda que o “calendário gregoriano [...] apela ainda para referências lunares”, indicando a forte influência temporal que a lua ainda exerce sobre algumas culturas do mundo.

Os pescadores também seguem o calendário lunar acompanhando os ciclos como indicadores do melhor período para realizar sua atividade. Os ciclos que indicam o melhor momento para realizar a atividade da pesca são os que possuem maior luminosidade, sendo eles; a lua crescente, a lua cheia e a lua minguante. Na lua nova, por conta de sua pouca luminosidade, eles não saem para a pescaria. A luminosidade da lua influencia no metabolismo dos peixes fazendo com que se movimentem e saiam de seus abrigos.

Segundo o pescador Marcos Souza (62 anos), “os peixes se agrupam em cardumes e se movimentam no ciclo de migração” (Entrevista, 2018). Esse agrupamento ou essa movimentação dos peixes se dá pela influência luminosa e gravitacional da lua, onde os pescadores chamam esse período de a “força da lua”. A força da lua é um dos principais indicadores para a ação dos pescadores, os quais aguardam esse momento para realizarem sua atividade.

A lua possui a ambivalência simbólica e nos convida a presenciar o positivo e o negativo, a luz e a sombra, os regimes diurno e noturno da imagem de que nos fala Durand (2018, p. 102), está “indissolúvelmente ligada à feminilidade”. Na perspectiva da luz, o positivo ou o regime diurno, ligamos o ser ao encontro com o seu exterior, a busca pelo poder, pela ascensão, pela verticalidade do homem. Para os pescadores, mesmo que a atividade da pesca ocorra durante o dia, é pela luz da lua que acontece a vitória da luta travada no seu labor.

Desse modo, observamos que há uma corrida contra o tempo, tendo em vista que a constância dos peixes é determinada pelo período da piracema e que a possibilidade de sucesso na pescaria acontece sob a “força da lua”, então, os pescadores confrontam as águas, os ventos, a chuva e o sol até alcançarem o momento de capturar os peixes, até alcançarem a vitória.

A ambivalência da forma da Lua rebelar-se pela dualidade entre luminosidade e escuridão. Na ausência da luz da Lua a escuridão predomina pela noite e assombra os dias dos pescadores pelo período em que ela lhes nega a luz, que lhes nega nesse momento contemplamos o regime noturno do astro iluminado. No regime noturno da imagem temos o oposto do regime diurno, nesse momento o homem não é mais levado ao confronto ou à luta pelo poder, mas é levado a “descida interior em busca do conhecimento e da reflexão” (PITTA, 2005, p. 29).

No período em que não há lua, os pescadores são privados de sua atividade por não haver movimentação dos peixes. Segundo o pescador Marcos Souza (62 anos) “os peixes se guardam, ficam abrigados, sem nenhuma ou quase nenhuma movimentação e não tem como pegá-los, pelo menos, é bem difícil” (Entrevista, 2018). Nesse período, os pescadores buscam fazer outra atividade restando-se em suas casas ou viajando para a cidade para resolver problemas pessoais. Durante o ciclo escuro da lua, o redeiro se atém na sua outra vida, na reflexão de suas necessidades, de seus anseios, na atenção a sua família, nesse momento o pescador desce ao seu cantinho do aconchego para restaurar as energias físicas e psíquicas gastas na luta “diurna”.

A lua está associada ao drama temporal, ao noturno, sendo remetida às trevas por estar em oposição ao sol, maior símbolo do regime diurno da imagem por ser o portador da luz. Na ausência da lua, quando ela desaparece do céu por estar completando o ciclo orbital que dura cerca de três dias, diversos folclores acreditam que ela é engolida por um mostro. Por essa razão Durand (1997, p. 102) afirma que

“numerosas divindades lunares são ctônicas e funerárias”. As divindades ctônicas são entendidas como espíritos demoníacos, seres telúricos, que remetem à terra, na mitologia grega, são os deuses do submundo representados por Ares, Ades, dentre outros. Já as divindades fúnebres são relacionadas à morte, a passagem e à transição.

Essa preponderância da luz sobre as águas foi perceptível no momento em que presenciamos o encontro dos pescadores, ainda na madrugada. Este encontro acontece no barco do senhor Souza que fica atracado no porto de sua casa na comunidade. O evento acontece pela manhã, bem cedo, antes de o sol nascer, por volta das cinco ou cinco e meia da manhã. No alvorecer, o cenário húmido, cria um tom fumacento no rio pelo frio deixado da noite e o torpor das águas espelhadas, ainda adormecidas, recebe o incomodo do banzeiro do barco de pesca.

O reflexo das águas ou o espelho das águas para Bachelard (1998, p. 23) “serve para naturalizar a nossa imagem, para devolver um pouco de inocência e de naturalidade ao orgulho da nossa contemplação íntima”. Ao contemplarmos as imagens refletidas da floresta escura em um tom onírico, e do barco, sobre as águas, lançamo-nos a uma interiorização de sentimentos e pensamentos reflexivos emanados desta naturalização. Fomos, por instantes, como os pescadores, para além das formas por meio dos devaneios e para a reflexão ou contemplação íntima a qual Bachelard comenta.

Ao acompanharmos os pescadores em uma de suas pescarias, observamos o seu ambiente e o pescador como sujeito de ação. Buscamos perceber os elementos que compunham o cenário dos pescadores, os sons, cheiros, gostos e imagens presentes no ambiente. Para modo, deste modo, buscar uma maior aproximação da força imaginária que alimenta a ação desse povo tradicional da Amazônia. Deste modo, a ação dos pescadores condiz com os fatores naturais e míticos presentes no seu ambiente cotidiano. Onde, dada às condições adequadas, eles seguem rumo ao seu destino, convivendo com e dialogando com os seres encantados que compõe seu ambiente e deles, rogam proteção, respeito e benção para com a ação do dia.

Portando, a tessitura composta pela simbiose do homem com a natureza, nos revela a compatibilidade da adaptação mediante a ação de ambas as forças. De um lado, o pescador, perspicaz e resistente em sua rotina de retirar da natureza o nutriente para o seu corpo e para o seu espírito, e do outro a floresta e as águas que lhes cedem organicidade com complacência e rigor. Tais forças antagônicas

complementam-se constituindo uma das representações simbólicas do que possuímos sobre Amazônia.

Os povos tradicionais possuem uma vida interligada com a floresta, da qual retiram alimento não apenas para o corpo, mas também para o espírito. Essa ligação é refletida sobre a forma de fazer, ver e compreender o seu ambiente, atribuindo-lhe formas imaginárias de seres, entidades, demônios e deuses, dos quais será seu refúgio, temor, etc.

O pescador tradicional atende a essas mesmas perspectivas imaginárias, porém recebe influências cada vez maiores do processo tecnológico que avança na região. Atualmente, os pescadores tradicionais competem outros tipos de pescadores, como os comerciais, industriais e, até mesmo, com a pesca turística. Tal competitividade reflete em nos seus dias de labor, consistindo em buscas mais demoradas pelo pescado que, outrora, lhe era farto.

Contudo, mesmo diante das dificuldades que lhes surgem, o pescador traça seus dias de ação em uma reciprocidade dominante e submissa aos elementos da floresta. Tais elementos que o conduzem, como a força da lua, correspondem a forças físicas, biológicas e míticas, onde a natureza lhe indica os momentos e os lugares que ele possa atuar. Perdurando sua ação ou atuação em um paradoxo sobre a dominação submissa e a submissão dominante, o pescador se mescla com o seu cenário tornando-se indissociável, legítimo e emblemático no cenário amazônico.

Ao buscarmos compreender a tradicionalidade dos povos Amazônicos, sob a perspectiva dos pescadores, é como retornar às coisas primeiras de que fala Merleau-Ponty (1999). Tal ação condiz como uma análise, reflexiva, de um organismo que se encontra silenciado, emudecido, ante ao inventário de interpretações produzidas sobre eles. Trata-se de um momento de buscar, não apenas os princípios ou suas origens, mas o que não foi levado em consideração durante essa trajetória de conhecimento.

Para Agamben (2009) voltar para compreender as origens ou os momentos de um período consiste e ser contemporâneo. O ser contemporâneo é aquele que busca compreender o seu próprio tempo, o seu século, procurando momentos que foram ignorados, despercebidos, que permaneceram ausentes das percepções, do campo de visão, mas que ainda sim, estão presentes no mundo. Então, ser contemporâneo não é buscar o futuro, ditando o que deverá acontecer nas próximas gerações, mas perceber o obscuro de seu próprio tempo.

Dessa forma, perceber os pescadores como um povo tradicional que bebem nas fontes imaginárias da percepção e da relação com a floresta, consiste em ser um contemporâneo. Esses sujeitos das águas, elaboram assim, uma visão de mundo que, de certa forma, retorna a uma fonte silenciada e obscurecida que doa lampejos luminosos de saberes (re)produzidas pela ação cotidiana de sobrevivência.

## CAPÍTULO II – VOZES QUE CONTAM A VIDA NAS ÁGUAS



**Figura 7:** Morada do Barco  
**Fonte:** Odin Barbosa, 2018.

A chuva que molha teu rosto	Se é do dia, ou do teu fim
Escorre, deixa teu rio fosco,	Já nem mais sente o balançar
Mas tu ainda escutas o lapear	Teu silêncio é maior que o das águas
O vento cortante, ti range os dentes	Que murmuram ao teu ouvido
Teu sorriso não é contente	Fazendo chua
Aguarda o tempo, paciente, passar	Logo tu enxugas teu rosto
Mas se um boiar tu ver	O dia clareia
Reanimas o teu ser	O sol a raiar
É a chance do dia melhorar	Porém não há descanso
Não sei se tu pescas ou se tu vigias	Mas a espera continua
No toco da rama, faz tua comédia	Que cogita entre o fisgar do peixe
Sente a água passar	E o teu próprio minguar
Tua espera, confunde o consumir	(OLIVEIRA,2021).

Neste capítulo pretendemos entender, por meio das narrativas cotidianas como as representações oriundas do ambiente das águas estruturam a visão de mundo dos pescadores. Selecionamos aqui relatos e histórias narradas pelos pescadores da Comunidade do Maranhão, onde eles evidenciam o sobrenatural dentro do seu ambiente de trabalho. Para os pescadores essas representações têm as águas como elemento crucial presente em suas vivências. Bem como explica Maffesoli (2011, p. 75) ao dizer que “o imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma

construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável”. Não podemos tratar de forma separada a realidade do pescador, pois esta é complexa por relacionar tantos as vivências imaginárias com aquelas de cunho social.

Essa rede se assemelha a teia da vida de Capra (1996) no sentido de existir conexões visíveis e invisíveis dentro de um ambiente e deste ambiente com outros sistemas culturais. Então, perceber essas conexões resume um pouco nossa busca nesse momento dentro do campo das narrativas dos pescadores sem desconsiderar as realidades que a todo tempo estão a interagir no ambiente que é próprio aos pescadores.

Vimos até aqui que os pescadores da Comunidade do Maranhão possuem uma vasta relação com histórias sobrenaturais que habitam nas águas e nas matas. Esta relação provém de uma intimidade resultante das experiências adquiridas em suas pescarias. Criando então, uma tessitura entre o real e o imaginário, o sagrado e profano, o natural e o sobrenatural, numa simbiose tal que dificulta sabermos onde começa um e termina o outro.

Entendendo esse fluxo de vivência perene da vida dos pescadores da Comunidade do Maranhão, analisaremos quatro narrativas, sendo elas: a Velha Gulosa, o Mão Grande, o Bode do Mirundé e do Espírito do Lago do Balaco. Estas narrativas foram coletadas quando das visitas de campo realizadas durante a pesquisa empírica. As narrativas foram selecionadas pelo voluntarismo e espontaneidade como as mesmas forma apresentadas ao pesquisador. As histórias são fornecidas de forma a ilustrar um tema, fazer menção à uma determinada situação e ou, comprovar a existência de determinada ocorrência que, no nosso entendimento, só poderia ser confirmada pela complementariedade das verdades que perpassam a ocorrência do mito.

## **2.1 O Espírito do Lago**

Esta narrativa conta à experiência que alguns dos pescadores passaram em uma região conhecida como Lago do Balaco. Esta narrativa, deriva da experiência que dois pescadores passaram em algumas de suas pescarias neste local durante a noite, mais precisamente, quando estavam regressando para suas casas. As experiências partem de uma percepção sensível confluyente aos pescadores, relacionada à sua prática laboral.

O lago fica dentro de uma fazenda localizada às margens do Paraná do Ramos. No período da enchente, as águas submergem as restingas ligando o lago ao rio, permitindo acesso livre para qualquer pescador que queira se aventurar naquele lugar, no entanto na vazante, quando se forma o lago, os pescadores utilizam apenas dois acessos, um pela frente da fazenda e outro pela parte detrás do lago. Os pescadores costumam entrar no lago com mais frequência pela parte de trás, por ser mais próximo.

Para entrar no lago os pescadores precisam pedir permissão do dono da fazenda. Porém, na maioria das vezes isso não acontece por ocorrer certos atritos dos pescadores com o fazendeiro. Conforme nos conta o pescador Mário Samaúma (48 anos) “nós não pede dele não, teve algumas vez ele ficou frescando com o pessoal aí, chamando nome por que tava acabando com o peixe do lago, aí ninguém pede mais dele” (Entrevista, 2018).

Buscando driblar a formalidade e a possibilidade de confronto, os pescadores resolveram entrar no lago a noite e pela sua parte detrás. Isso resulta em um trabalho mais arriscado e pesado, pois incide em passar pelos igapós e ter de arrastar o casco por uma longa distância sobre as restingas. Mas, para os pescadores, parece ser melhor do que pedir permissão do fazendeiro.

O tipo de pescaria, também favorece para que a pesca ocorra à noite. O pescador Mário Samaúma justifica dizendo que “o peixe costuma sair mais a noite meu filho, ele sai pra comem, de dia ele se esconde embaixo do barranco e a noite ele sai pra se alimentar” (Entrevista, 2018). Isso justifica a opção do horário da pescaria, e também, por que a parte detrás do lago, mesmo que tenha um acesso mais difícil, é mais próxima da residência dos pescadores.

Os pescadores frequentam o lago com mais constância no período da vazante. Neste período, uma grande quantidade de peixes fica preso no lago o que o torna bastante cobiçado, principalmente pelo valor comercial que as espécies possuem. As principais espécies buscadas pelos pescadores são; tambaqui, curimatã e pirarucu.

Essas espécies são possuem um alto valor comercial, sendo as mais demandadas nas feiras da cidade, é o que nos conta o pescador Mário Samaúma,

A gente procura mais esses peixes, porque são os que têm mais peso no preço, tem muitos tipos de peixes né, aí, na quantidade a gente tem que escolher a qualidade, então é por isso que a gente tem essa preferência. Mas a gente pega outros tipos de peixe também, que vem na malhadeira (Entrevista, 2018).

O pescador tende atender a uma preferência comercial. Nas feiras da cidade, as espécies mais demandadas são: pirarucu seguido pelo tambaqui, depois o mapará e o curimatã. Outras espécies também são comercializadas, porém não possuem tanta demanda, além disso, o preço dos produtos tende a obedecer ao fluxo da procura comercial, contribuindo para a valorização do preço dessas espécies (NOGOMI, 2012). De certo modo, a relação que o pescador possui com o comércio, o influencia nas escolhas tomadas em suas pescarias.

Essa preferência, que condiz a espécies de peixes específicas, norteia o pescador a um tipo de pescaria. Isso significa que, os arreios, as técnicas, o lugar e os horários de pesca, serão pré-definidos para atender seu objetivo, sendo esse um dos motivos para que a pescaria ocorra durante a noite. Segundo o pescador Mário Samaúma, é “durante a noite que os peixes costumam sair debaixo do barranco, tambaqui chega a fazer roda no meio do lago” (Entrevista, 2018).

O conhecimento do pescador sobre os hábitos dos peixes torna-se fundamental. É com base nesse conhecimento que ele vai produzir ou selecionar seu arreio, bem como definir o horário de sua jornada de trabalho, sempre obedecendo ao horário dos peixes. É como se evidencia na fala do pescador, sobre o costume do tambaqui, o qual sai durante de baixo dos barrancos, reúnem-se em cardumes no meio do lago e ficam nadando em círculos.

O pescador, depois de reunir o arreio e definir o horário da pescaria, parte rumo ao lago. A parte detrás do lago, mais utilizada pelos pescadores, fica localizada depois de uma vasta área de restingas, igapós e outros pequenos lagos, tornando o lugar em um verdadeiro labirinto natural aos menos experientes. Porém, para o pescador, o caminho do lago é reto, não há segredos, há apenas a cadência de suas remadas. O Pescador nos conta um pouco sobre o cerimonial que realiza ao chegar no lago,

Teve uma noite que eu fui pescar lá no Balaco, o rio tava cheio, eu saí de casa era uma quatro horas, pra chegar no lago ainda de tardinha pra ver como tava por lá. Chegando no lago eu de uma volta pra ver a movimentação do peixe, e comecei a colocar as mahadeiras beradiando o barranco, para parte do aningal que fica no fundo do lago (Mário Samaúma, 48 anos, Entrevista, 2019).

A ação do pescador é meticulosa, seguindo etapas estipuladas por ele próprio. Antes de qualquer ação, se faz necessária a observação e, para isso, tem que aproveitar ainda o clarão do dia. Esse passo vai identificar o melhor lugar para armar suas malhadeiras e a movimentação dos peixes. A pescaria no lado, sempre busca as partes mais escondidas ou isoladas. Isso porque, não podem se aproximar da residência do fazendeiro, para evitar transtornos. Além disso, a pescaria também acontece no escuro, ainda que levem lanternas, os pescadores evitam de usá-las, nos dando ao entender que é para não serem identificados.

Foi durante essa pescaria que aconteceu a experiência sobrenatural do pescador com o espírito do lago. O pescador segue a narrativa alertando os riscos do lugar, dizendo que “é um lugar que tem muito bicho grande por baixo dos anhingais”, fazendo referência a cobras e jacarés, que habitam a complexa rede de flora que compõe o ambiente, caracterizando o lugar como místico e perigoso. Contudo, sua experiência acontece com algo invisível.

Arrumei tudo e fui pra banda da rama que fica na saída do lago. Quando eu fui chegando perto, eu senti um calafrio, um medo, eu – égua, que diacho é isso? Continuei remando, quando eu passei da rama, já entrando no igapó, eu senti um peso atrás da canoa, como se alguém tivesse sentado nela, e era mais pesado que eu, porque eu fiquei lá no auto. Eu sei que eu focava pra trás e não via nada, e aquilo tava me agonizando né que eu olhava e não via nada, eu sei que aquilo ficou na popa do meu casto durante o tempo que eu tava atravessando o igapó (Mário Samaúma, 48 anos, Entrevista, 2019).

Esta experiência ocorreu em uma pescaria noturna, quando o pescador Samaúma já estava regressando para sua casa. Ao sair do lago e adentrar no igapó, escurecido pelas árvores, sentiu um peso repousar na parte detrás de sua canoa, como se uma pessoa tivesse sentado no banco. Com um reflexo de seu inconsciente, focou com sua lanterna, mas nada havia em seu casco.

Ao chegar no lago, a preocupação do pescador está voltada para o visível, para os animais que representam ameaças a sua integridade física e de seu equipamento. Ao se referir aos bichos do lago, ele se refere a jacarés e animais peçonhentos que possam lhe surpreender em algum momento. Contudo, sua surpresa concerne ao que ele não vê, mas que ainda sim se faz presente no ambiente.

Aquilo que o pescador não vê, ele sente e relaciona ao sobrenatural. Essa relação parte de sua interpretação imediata ante ao desconhecido, como que uma busca instintiva de seu subconsciente para justificar o injustificável. Sendo que, as

sensações também vão contribuir para que ele tire suas conclusões sobre o que possa estar acontecendo.

Sobre as sensações, Merleau-Ponty (1999, p. 23), nos diz que “a sensação pura será a experiência de um choque indiferenciado, instantâneo e pontual”. Isso, por que a limitação de compreensão se sobrepõe, causando reações mais instintivas do que racionais, proporcionando o “choque”, espanto, e sensações diferenciadas correspondentes ao contato com o desconhecido, com o invisível. Sendo que é por meio da sensação, que o pescador vai tentar identificar ou buscar algum sentido para o que possa ter acontecido.

Mas a sensação do pescador precede a surpresa do não visto, onde o calafrio e o medo, o tomam. A sensação está aquém da razão e age no pescador como um sentido de alerta. Mas o que poderia lhe despertar esse sentimento, que lhe impactou de forma mais incisiva do que outra ameaça visível como os jacarés, cobra ou outros animais? De qualquer modo, a experiência vai lhe prover ensinamentos quanto ao visto e o não visto, como destaca Merleau-Ponty (1999, p. 28) ao dizer que “o visível aprendemos com os olhos, o sensível aprendemos com os sentidos”.

Quanto aos sentimentos despertados pelas sensações, o calafrio e medo, são as respostas dadas a sensação primeira. O medo segundo Bauman (2008, p. 8) “é o nome que damos a nossa incerteza; nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode”. A instabilidade gerada pela incerteza é motivada pela ausência de conhecimento, logo, temos grandes impasses e reflexões a fazer sobre o que fazer. Caminhamos com que as apalpadelas pelo mundo, numa escuridão onde tudo pode acontecer, mas não podemos prever o que vai acontecer, não há como dizer o que virá. A escuridão, o desconhecido, o obscuro, não constituem o perigo, mas são o habitat da incerteza e, portanto, do medo.

A aventura do pescador é reservada de surpresas, mas parece que ele não se deixa intimidar por isso. O que nos sugere pensar que exista uma configuração diferente para a associação do medo ao desconhecido, visto que independente de se deparar com o medo o pescador continua a sua pescaria, continua o seu trajeto. Portanto, o medo, o desconhecido, parecem ser vencidos pela bravura do pescador, que consegue encontrar alguma forma de se sobressair.

Essa questão pode ser associada ao imaginário diurno, mais precisamente ao imaginário simbólico do “cetro e do gládio” estudados por Durand (1998, p. 123). Neste contexto, o simbolismo estaria relacionado à forma de superar ou dominar o

medo, mal, morte, angustia, por meio de uma representação dominante, que seria alguma divindade ou crença por parte do pescador. Ele cria uma representação que minimiza qualquer figuração do mal, de modo que se consiga prosseguir.

Também se pode observar na narrativa uma relação com a luminosidade, quando o pescador nos conta que

Quando eu saí do igapó numa parte clara, aquele peso saiu da canoa, e eu –mas que caramba que é isso? E continuei remando, na direção do outro igapó para atravessar de novo, mal eu entrei no igapó aquele peso sentou de novo na minha popa, ah aí eu fiquei bravo, que eu olhava e não via nada, e eu remava e parece que a canoa não saía do lugar, até que eu fui pegando a luz do rio de novo, tava luar né, quando eu saí no rio aquele peso saiu de novo da canoa e eu acelerei na canoa pra chegar rápido em casa (Mário Samaúma, 48 anos, Entrevista, 2019).

O claro e o escuro parecem influenciar no aparecimento e desaparecimento do peso na canoa do pescador. Quanto à luz, Durand (1998, p. 126) se remete a um símbolo ascensional, vertical, associado a algo divino, soberano, vitorioso, ou libertador, como ocorre com o pescador quando se depara com a luz do luar ao sentir que o peso sai de sua canoa.

Porém, o escuro não origina apenas o espírito do lago para junto do pescador, mas acoberta o pescador em sua pescaria. Quanto a isto, ocorre uma harmonização noturna que permite ao pescador usufruir do lago sem que seja percebido pelo fazendeiro, de modo que, não gere nenhum atrito entre ambos. Nesse caso, a escuridão que persegue o pescador, com a presença do espírito, é a mesma que o acoberta.

A luz dá tranquilidade ao pescador, mas o escuro lhe proporciona a pescaria de forma mais efetiva. A luz lhe permite a visão, de certo modo, o que deveria precisar para realizar sua pescaria, porém há a questão orgânica do metabolismo dos peixes que costumam sair debaixo dos barrancos no escuro, além de o escuro preservar o anonimato do pescador. Parece ser um paradoxo simbólico, mas existe certa sincronia ou necessidade entre os opostos, criando um imaginário complexo.

A complexidade, é o que não vai existir necessariamente como um conflito, mas uma interação do ambiente com o pescador. Sendo que esta interação se inicia com o labor, com a necessidade, o esforço, coragem, e depois com as sensações, sentimentos por meio de seus sentidos ou sua sensibilidade.

De qualquer modo, o espírito, mesmo que continue a incomodar, já será um conhecido do pescador. Isso, porque pela necessidade e trabalho, o pescador não hesitará em retornar ao lago, mesmo imaginando que possa encontrar novamente com o espírito ou que por ele possa ser perseguido. Parece que há uma aceitação, como se ter de enfrentar o espírito do lago fosse um ônus de sua pescaria.

O pescador Samaúma (2019), conclui sua narrativa dizendo

Eu não sei o que era, se era boto, ou se era alguma coisa lá do lago, algum espírito ou a mãe do lago, eu sei que o fulano passou por isso também, mas nele, disque malina feio mesmo, os meninos falaram que ele desmaia na canoa. Eu não sei que diacho que é isso não.

Isso nos leva a perceber que o estranho ou desconhecido, não vem a ser o lugar, mas o fenômeno da aparição que ocorre dentro deste ambiente. Contudo, mesmo sendo algo estranho e desconhecido, os espíritos passam por um processo de naturalização naquele ambiente, onde são identificados, mas não necessariamente evitados. Essa identificação dos espíritos vai repercutir em um tratamento diferenciado, respeitoso, ante aos lugares em que residem.

Os pescadores, depois que as experiências acontecem, referenciam o lugar ao espírito e o espírito ao lugar. Sendo como as realidades que se sobrepõe uma a outra como mencionou Loureiro (2002) sobre o real imaginário e o imaginário real, onde não existem limites, mais extensões. De certo modo, o pescador, o espírito e o lugar, se interligam, e parecem depender uns dos outros, para continuar a existir.

## **2.2 A Velha Gulosa**

Tivemos contato com a narrativa da Velha Gulosa em uma viagem que realizamos para uma ilha próxima à comunidade e foi quando o pescador Daniel Pereira (42 anos) brincou ao dizer “cuidado com a velha gulosa pra lá rapaz” (Entrevista, 2019). Esse foi o primeiro contato que tivemos e o ponto de partida para a compreensão da configuração que esta entidade adquire no imaginário dos pescadores.

A velha gulosa seria um ser espiritual que fora vista por algumas pessoas na Ilha do Bom Futuro. Essa ilha fica bem próxima à comunidade, chegando a ter ligação por terra quando no período da vazante e totalmente isolada no período da enchente. A ilha é habitada por apenas quatro famílias que residem há bastante

tempo no lugar, conforme nos conta pescador Roberto Soares ao dizer que sua “família foi uma das primeiras a morar por aqui, já tem pra mais de cinquenta anos” (Entrevista, 2019)

Partimos da comunidade do Maranhão para a ilha de voadeira em uma viagem curta, que durou apenas cinco minutos. A ilha, que tem como nome Bom Futuro, é um lugar elevado, com pouco mais de trinta metros de altura, tendo sua base é rodeada por pedras e por praias formando um cenário apreciativo. Sendo este o local de morada da velha gulosa, lugar onde fora avistada.

Ao chegarmos à ilha, abordamos no porto da casa do pescador Soares, antigo pescador e morador da ilha, com quem dialogamos sobre a entidade. O porto da casa fica ao lado de algumas pedras grandes, tem apenas uma peça de madeira como ponte e depois segue um caminho que sobe a ribanceira até a sua casa. O caminho é uma escada talhada nas pedras e no barro, uma abertura na ribanceira, que de longe, parece mais uma cicatriz no imenso paredão de barro.

Um pouco acima do porto, à direita de quem está subindo, foi feita uma casa de farinha, bem rudimentar, porém, dispondo do equipamento suficiente para manutenção do trabalho. No topo da escada, avistamos bananeiras moldando a beirada da ribanceira e, a poucos metros, a residência do pescador. Uma casa de madeira adornada com uma varanda de piso concretado. No centro da varanda havia uma mesa grande com bancos compridos feitos com tábuas de Itaúba<sup>22</sup> e no centro da mesa uma garrafa com café. E foram esses os componentes que nos acompanharam em nossa conversa.

O olhar diferenciado sobre o ambiente, não nos desfoca de nossa busca, mas tende a complementar e enriquecer o processo de compreensão do imaginário dos pescadores. Visto que esses processos não ocorrem de forma espontânea, mas parte de uma complexidade que envolve, também, o ambiente físico ao observar o não dito nos parece ser uma fuga daquilo que Bourdieu (1969, p. 89) chama de “observação desarmada”, o qual se refere ao olhar direcionado a ponto específico da pesquisa que ignora a sua completude, aquilo que a envolve e que permite que ela exista. Para tanto, observar a minúcias do lugar, a cassa, seus espaços, móveis, o porto e a casa de farinha, nos permite ver a ordem e a desordem da narrativa que envolve o ambiente/morada da Velha Gulosa.

---

<sup>22</sup> Madeira de lei da árvore de Itaúba.

Diz-se que a Velha Gulosa, na verdade são duas mulheres, que foram vistas por alguns moradores da comunidade nos arredores da ilha. As descrições caracterizaram as mulheres como monstruosas, desfiguradas, e causadoras de pânico naqueles que a viram. Porém as pessoas que haviam visto as mulheres não estão mais vivas, então coletamos os relatos de seus parentes mais próximos. O que nos sugere pensar que se constrói uma interpretação da interpretação, onde o visto, é ressignificado por aqueles que não viram, mas que ainda assim, revivem a imagem do espírito. Apesar de a Velha Gulosa não ter sido mais vista, ela compõe o ambiente simbólico da ilha.

Ao dialogarmos com o pescador Roberto Soares (58 anos), ele nos conta um pouco sobre a aparência das mulheres dizendo que “são mulheres de aparência bem idosas, com os rostos aparentando serem feitos de pedra, possuem cabelos longos e brancos e usam vestidos compridos e pretos até os pés” (Entrevista, 2018). O pescador não chegou a ver as mulheres, mas sua imagem é viva dentro de sua imaginação, e conta com detalhes a aparência do ser espiritual. O pescador acrescenta ainda que

Elas caminham pelas redondezas da ilha e são compreendidas como guardiãs do local, guardando um tesouro ou a entrada de uma cidade encantada submersa que fica em uma enseada logo atrás da ilha, ela atordoia pessoas que passam pelo local em horários impróprios ou as que duvidam de sua presença. Foram vistas algumas vezes por moradores que atestaram a veracidade da história e também, aconteceu de elas se manifestarem em sonhos, revelando o suposto segredo de sua existência a uma família que padeceu por algum tempo sobre as aparições (Entrevista, 2018).

Quando o pescador narra sobre a possibilidade de a velha gulosa ser uma guardiã, ele se fundamenta em uma interpretação dada por um curador que residia na comunidade, o “seu Cassiano<sup>23</sup>”. Além de curador, Cassiano trabalha com a medicina natural e também surge como um validador das estranhezas deparadas pelas pessoas. A narrativa nos revela que a estranheza é a aparição da Velha Gulosa, a qual, ganha sentido pela fala do curador, sentido este que vai ser aceito pelo fato de o curador ser essa referência ou autoridade em assuntos relacionados à

---

<sup>23</sup> Antigo morador da comunidade que curava as pessoas com rezas e medicamentos naturais. Era um homem de grande prestígio e credibilidade pelos feitos que realizava. Alguns pescadores alegam que ele era médium e outros que ele possuía um dom para tratar das enfermidades físicas e espirituais das pessoas (Entrevista, 2018).

espiritualidade na comunidade. É da fala do curador Cassiano, que a Velha Gulosa ganha um sentido de guardiã residente da ilha e fundamenta o entendimento do pescador ante o ser sobrenatural.

Há de se destacar, a figura icônica do curador na comunidade, “Seu Cassiano”. Este personagem era bastante comum dentre os pescadores e comunitários, o qual atuava como um tipo de intérprete ou interlocutor xamânico do real e o espiritual. Um homem em quem as demais pessoas da comunidade depositavam sua fé, levando a ele as suas incertezas, dores, doenças, angustias, aflições, tormentos etc. Para Cascudo (2000, p. 270) o curador é o “sabedor de segredos para dirigir e tornar alguém invulnerável usando apenas a força de formas oracionais”. Segundo o pescador Marcos Souza (62 anos), o curador havia dito que esse lugar na ilha,

Tinha um encanto aí né, e muita gente parava de noite e não se acostumava aí, que tinha uns remorsos por aí e não conseguiam passar a noite aí não. Eu digo, que é da velha golosa, meu pai ainda era vivo né, e trabalhavam lá pra enseada e o tio Cassiano fala que não brincasse nesse pedaço aí que o negócio era feio mesmo (Entrevista, 2018).

A ilha era comumente um lugar de parada de viajante para pernoites, principalmente no período das vazantes, onde o leito do rio torna-se mais raso, o que aumenta o risco de encalhar a embarcação. Ela está localizada próxima à foz do Rio Mampurú, um rio que dá acesso a outros dois rios o Tracajá e o Waicurapá, assim sendo, todas as embarcações que adentram no rio, passam por esta ilha. Por isso o pescador diz que muitas pessoas paravam no lugar.

O pescador identifica os murmúrios como as causas de as pessoas não de habitarem na ilha. Esses murmúrios são associados pelo pescador a “ruídos, gritos, pedradas, choro de crianças, gente batendo no punho da rede e quando a pessoa olha não é nada” (Entrevista, 2018). Esses sons funestos e movimentações, os murmúrios, são o motivo da inquietação, incômodo, medo, pavor do visitante, o qual não consegue perdurar no local. E como causador desses fenômenos, o pescador identifica a velha gulosa.

Mas também existe uma associação da Velha Gulosa como a guardiã de um tesouro na ilha. Essa interpretação parte da aparição da velha gulosa por meio de sonhos que, segundo o pescador Cássio Gomes (44 anos), ocorreram com uma senhora na comunidade. O pescador nos conta que

Teve uma vez que essa mulher aí da ponta perseguiu a Nida em sonho né, eu nunca cheguei a perguntar pra ela, mas o pessoal comentava aqui. Então eu ouvi dizer que ela sonhou né, e que veio no sonho dela dizer que tinha duas fortunas nessa ponta aí, uma era menor e a outra era maior. E que menor ela dava pra ela, mas a maior só se ela desse um filho né, então eu nunca perguntei pra ela se era verdadeiro isso aí né, mas eu soube que perseguia ela (Entrevista, 2019).

Segundo o pescador Cássio Gomes, a Velha Gulosa aparecia também para o marido da moradora, dizendo que “ele foi bastante perseguido pela mesma entidade ficando bastante adoecido e, tempos depois, veio a falecer” (Entrevista, 2019). A entidade se manifestava para o marido da senhora, também em forma de sonhos e fazendo as mesmas propostas de troca do tesouro enterrado na ilha pela vida de seu filho mais novo. E o marido, do mesmo modo que a esposa negou a oferta. Cabe aqui chamar a atenção, juntamente com Bachelard (1998 p. 5) que “sonha-se antes de contemplar. Antes de ser um espetáculo consciente toda paisagem é uma experiência onírica”.

O tesouro apresentado na narrativa nos conduz para um sentido substancial de contrasta com o sentido material. Para a família, o homem e a mulher que foram perseguidos, o verdadeiro tesouro estava edificado em sua casa, na forma sentimental expressada pelos valores da família, onde mesmo em condições de necessidade, nenhum ouro poderia substituir a vida de seu filho. E a negação dessa materialidade, resulta na constante perseguição, tortura, mesmo que por forma de sonhos.

A forma “onírica” na qual a Velha Gulosa se manifestou, nos leva a Ricoeur (1978) que classifica este tipo de manifestação simbólica com sendo lembranças enraizadas e nos gestos configurados em nossos sonhos. O autor classifica ainda as manifestações simbólicas como sendo de dimensão “cósmica” figurando o mundo que nos rodeia e, “poético” nos remetendo a linguagem. O símbolo nesta dimensão passa a ser criado pela sociedade por não conseguir denominar o espaço em sua volta ou suas formas.

O lugar onde a Velha Gulosa reside possui histórias de aparições de visagens e tesouros enterrados. Na comunidade, a aparição de uma entidade, visagem, fogo ou revelações por meio de sonhos, estão, geralmente, relacionadas a tesouros e são tratadas como um tipo de guardião dessas riquezas, amedrontando quem quer que

chegue por perto ou quem queira retirá-los. Desse modo, a Velha Gulosa seria uma dessas almas que guardam um tesouro.

A simbologia do tesouro enterrado em determinados lugares, estão presentes no imaginário dos pescadores. Para o pescador Cássio Gomes se tratam de “almas que ficam presas nesses lugares aí, e tentam se libertar dando o ouro pra alguém” (Entrevista, 2018). Essa interpretação é fundamentada em relatos de pessoas já teriam retirado tesouros na região da comunidade.

Então os pescadores, acredita-se em tesouros enterrados que estão associados a prisões místicas de almas, que dizem ser donas da riqueza. As almas escolhem as pessoas a que desejam dar o tesouro e essas pessoas serão as responsáveis pela libertação das almas, e o tesouro tornar-se-á um prêmio para quem possuí-lo. Entretanto, exige-se um preço para a libertação, que pode ser desde uma oração a uma vida, como revela a narrativa da aparição onírica da velha gulosa.

As formas de manifestação dessas entidades espirituais são identificadas por meio de sonhos ou do fogo. A presença do fogo para o pescador Cássio Gomes vai indicar o lugar ou a posição do tesouro. Mas, para chegar nesse lugar e retirar o tesouro será preciso obedecer algumas condições ou ritos estipulados para a pessoa escolhida que, caso não atenda, o tesouro some. Conforme nos conta o pescador

Esse negócio de tesouro é um encanto né, diz que a pessoa tem que ir num horário próprio, fazer um negócio de uma reza lá no lugar, e também diz que aparece umas misuras por lá né, choro, grito, uns negócio meio feio mesmo. Eu sei que é assim que contam, mas nunca apareceu nada pra mim. (Cássio Gomes, Entrevista, 2018).

O pescador ainda acrescenta que “esse negócio de visagem ou tesouro só aparece pra quem é medroso” (Entrevista, 2018). Ele se reporta a histórias e relatos sobre pessoas que tiveram algum tipo de contato ou revelação de uma entidade e, que por conta do medo que possuíam não retiraram o tesouro. Isso cria um entrave ou um fenômeno complexo entre a ordem e a desordem de forma simultânea, abrangendo a realidade material e imaterial.

A questão suscitada é quase que paradoxal, sobre a condição de medo do pescador e a questão de libertação da entidade. Essa disparidade parece não distanciar o pescador do sobrenatural, mas percebemos que acontece uma aproximação ao ponto de que os fenômenos ocorram na mesma realidade ou uma realidade sobre a outra, como imaginário real e o real imaginário abordado por

Loureiro (2001). Contudo, o que poderia amedrontar tanto essas pessoas a ponto de negarem a riqueza ofertada e a possibilidade de mudar financeiramente sua vida?

Isso nos remete para a condição presente em quase todas as narrativas dos pescadores, que se trata do temor, medo, pavor. Ao abordarem sobre a presença da Velha Gulosa, à coloca envolta de uma aura mística amedrontadora sobre sua forma, manifestação e interpretações, o que pode resultar para o pescador, em uma referência de algo que é sempre presente, porém que é intocável. Esta referência nos permite perceber ação complexa, simultânea e, talvez até, contínua da presença do medo.

O medo, segundo Bauman (2008, p. 8), “é o nome que damos a nossa incerteza; nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode”. A instabilidade gerada pela incerteza é motivada pela ausência de conhecimento, logo, temos grandes impasses e reflexões a fazer sobre o que fazer. Caminhamos com que as apalpadelas pelo mundo, numa escuridão onde tudo pode acontecer, mas não podemos prever o que vai acontecer, não há como dizer o que virá. A escuridão, o desconhecido, o obscuro, não constituem o perigo, mas é o habitat da incerteza e, portanto, do medo.

A compreensão das formas que os pescadores narram, é limitada quanto à questão sensorial dos sentidos, para Jung (2008) o homem nunca percebe plenamente uma coisa ou a compreende por completo. Isso faz com que o homem utilize termos simbólicos para justificar ou representar aquilo que não se pode definir, compreender integralmente. Nos relatos dos pescadores não há uma definição do que são as velhas gulosas, mas as transformaram em um símbolo da ilha, na forma de um encanto ou de um tesouro perdido.

Essa postura que o pescador passa a ter ante ao ambiente, por conta do imaginário produzido a partir da Velha Gulosa, dá um sentido ao lugar, o que condiz com a fala de Bachelard (1993, p. 199) de que a “imaginação aumenta os valores da realidade”. Então podemos compreender que é por meio da imaginação criativa que determinado lugar vai ganhando um novo sentido, tornando aquilo que outrora era comum em algo especial. E a Velha Gulosa consagra este lugar na ilha como especial, transformando a realidade da ilha por meio do imaginário, em um lugar natural, sobrenatural, sagrado.

O ambiente naturaliza o fenômeno tornando, bem como fala Bachelard (1998, p. 23) de que “as águas naturalizam as imagens refletidas” o “sobrenatural em

natural”. Nesta mesma linha de pensamento, Loureiro (2001) compreende que pelo imaginário o real se mescla com o surreal tornando-se uma única realidade. Daí a assimilação do sobrenatural vai se consolidando pela experiência daquilo que foi visto.

Outra questão é que o pescador evidencia por primeiro o lugar e o depois o fenômeno, como que a realidade e a imaginação, relacionando posteriormente a ambos. Quando ele descreve o ambiente, a ação de seus familiares, sua casa, as pessoas, ele está pleno da sua realidade, até o encontro com a Velha Gulosa, que surge como um elemento surpresa dentro do ambiente, que para ele, era familiar. A Velha Gulosa torna-se uma extensão da realidade narrada, o que chama Silva (2017) de hiper-real<sup>24</sup>.

Essa extensão da realidade ou o hiper-real condiz com o princípio de valorização da realidade por meio da imaginação comentada por Bachelard. Porém, a reflexão de Bachelard (1993) sobre esta valorização do lugar por meio da imaginação nos encaminha para uma reflexão introspectiva, quanto que o hiper-real abordado por Silva (2017) se estende para um imaginário coletivo e compartilhado em um grupo social. Porém observamos na narrativa do pescador que a imaginação e o imaginário estão relacionados e em uma confluência do ambiente, da pessoa na representação imaginária.

Então ao introduzir a Velha Gulosa dentro do ambiente, existe uma reorganização no lugar. Compreendemos essa reorganização do ponto de vista da complexidade - entendendo que o ambiente, tomado pelo espaço e tempo pelas pessoas que estão nele - estão em um contínuo processo ou ciclo de ordem e desordem (MORIN, 2005). Para tanto, o imaginário da velha gulosa metamorfoseia esse espaço tempo e a forma de compreensão do pescador de sua própria realidade.

A velha gulosa, ante as formas de manifestações às quais foram relatadas, possui um simbolismo que se assemelha com a classificação nictomórfica, a qual Durand (1998) aborda. Os cabelos escuros, as vestes pretas, o rosto enrugado, a perseguição, assemelham a velha gulosa a uma figura diabólica, “um arquétipo da mulher fatal” (IBIDEM, 1998, p. 104). Isso vai colorir o imaginário da velha gulosa com um matiz de degradação e decaimento.

---

<sup>24</sup> Para Juremir Machado, o hiper-real é uma realidade que ganha um sentido além daquilo que já possuía, sendo uma extensão da realidade ou o hiper-real (SILVA, 2017).

Essa figuração simbólica das trevas manifestadas pela negrura sobrenatural da velha gulosa cunha uma valorização negativa. Por se voltar a símbolos depreciativos, nefastos, o que condiz com sua descrição demoníaca e sua valorização negativa, condiz com a postura de um ser que pune aos que não a respeitam ou aos que não atendem a suas propostas, como vimos em com as suas formas de manifestações. A Velha Gulosa é como um despertar para o sobrenatural imponente que, mesmo sendo descrito de forma negativa, se hegemoniza como um ser poderoso, inquestionável, complexo entre os pescadores. O medo e o pavor encontraram na entidade um sentido de alerta para com o zelo e o cuidado com horários, sonhos e com o próprio lugar. Quanto a esse encontro com o obscuro, Durand comenta que,

Uma imagem mais escura, uma personagem vestida de negro, emergem subitamente na serenidade das fantasias ascensionais, formando um verdadeiro contraponto tenebroso e provocando um choque emotivo que pode chegar à uma crise nervosa (DURAND, 1998, p. 91).

É exatamente como ocorre nas narrativas, onde o pescador estava caminhando ou voltando do trabalho, quando se depara com a Velha Gulosa. A velha Gulosa manifesta-se dentro do ambiente do pescador provocando nele o pânico, medo, pavor ou uma crise nervosa. Como acontece em outra versão que seu Marcos Souza (62 anos) nos conta sobre seu irmão, quando encontrou com a Velha Gulosa em outra ocasião. Vejamos:

Aí quando foi uma vez ele tava vindo pra cá pra casa e ele passou do horário, passou das cinco horas, passou já era uma seis horas, tava escurecendo e bem por aqui tinha um caminho, chegou aí um mostro de um homem chamando ele. Hum, ele não olhou e foi embora. Aqui tem várias paracutaqueiras<sup>25</sup>, daqui e daí né. E quando chegou no toco de uma árvore dessas, uma mulher muito feia chamando ele, hum, ele chegou lá em casa muito cansado (Entrevista, 2018).

O medo toma o pescador quando ele se depara com a Velha Gulosa. É a sensação terrificante marca o encontro que é repudiado pelo pescador com a reação de fuga para seu âmbito de segurança, a sua casa. E, novamente a descrição ilustra e corrobora para a incrustação do mal na narrativa da velha gulosa. Contudo, apesar de reproduzir uma imagem malicioso da Velha Gulosa na ilha do Bom Futuro, os

---

<sup>25</sup> Árvore leguminosa comum na região amazônica.

pescadores e os moradores não evitam o lugar. As pessoas que moram na ilha não procuram outro lugar para se acomodar. Conseguiram encontrar uma forma de se habituar no ambiente e com a Velha Gulosa naturalizando o sobrenatural.

### 2.3 O Mão Grande

Em uma tarde de quarta-feira do mês de setembro de 2018, estávamos acompanhando uma pescaria do grupo de pescadores redeiros do seu Roberto Soares (58 anos). Estávamos no barco na companhia do pescador Soares com seu ajudante, sentados na morada do barco, observando os demais pescadores no rio. O vento soprava suave naquela tarde e a maresia sutilmente embalava o barco na beirada igapó.

O céu estava límpido e os cardumes da piracema estavam passando pela foz do rio. Todos os pescadores estavam à espreita observando a lâmina d'água aguardando pelo mais sutil lapear ou a piririca dos peixes para realizarem o lanço. O silêncio era quebrado, vez em quando, por algumas gaivotas e esguichos de botos que também estavam em busca de alguma refeição.

Nesse período, seu Soares, nos diz que “na quantidade, nós presamos pela qualidade” (Entrevista, 2018). O pescador se refere a quantidade de peixes que passa pelo rio e, em meio a isso, eles tem que selecionar as espécies que possuam o maior valor comercial, que seriam a Curimatã, Matrinchã, Pacú e o Aracú. De qualquer forma, devido à grande quantidade de pescado, o preço dessas espécies também cai.



**Figura 8** – Aracú Comum  
**Fonte:** Odin Barbosa, 2018.

No barco, o pescador Roberto Soares (58 anos), alertou os que estavam lanceando a certa distância da margem dizendo, “cuidado com o Mão Grande”. Este personagem surge no ambiente dos pescadores a partir de relatos antigos repassados pelas gerações de seus progenitores. O pescador nos conta,

Eu tinha um irmão mais novo, que quando ele tinha uns quinze anos, mais ou menos, ele era meio sensível né, pra esse negócio de espírito, eu sei que teve um tempo que ele começou a receber uns espíritos no corpo dele, era muito, saía um entrava outro, e a gente sabia que não era ele. A gente conhecia bem ele, o jeito dele, e tudo isso mudava quando ele tava possuído, mudava a voz, a feição do rosto dele, tudo. Aí tinha esse espírito, era um dos que ficou mais tempo no corpo dele, ele se apresentou como o Mão Grande, Ele conversava que só comigo, me chamava de homem trabalhador, aí uma vez ele disse que morava na entrada do rio, que era um tipo de guardião que habitava naquele lugar e que tava no corpo do meu irmão pra proteger ele, porque diz que tinha uns espírito ruins estavam querendo dominar ele. Eu sei que desde lá a gente trata com respeito essa entrada do rio, porque ele fica vigiando aquele região aí. (Roberto Soares, 58 anos, Entrevista, 2018)

Esse relato se desborda também na narrativa do pescador Mário Samaúma (48 anos), que comenta que muito antes dos acontecimentos com seu irmão, já haviam relatos sobre esta entidade. Vejamos:

Mas ali naquela região já tinha o Mão Grande, os antigos contam que já chegaram a ver uma mão enorme saindo da água, mas foi somente isso que viram. Outros contam que já ouviram também, o barulho de gente tomando banho ou batendo na água com a mão. Mas é um espírito que mora aí nessa paragem, ninguém duvida dele não, mas ele não meche com ninguém, o Mão grande é nosso Amigo. (Entrevista, 2019)

Na narrativa do Mão Grande, ele vem possuir um ente próximo do pescador Roberto Soares (58 anos) dentro de sua própria casa, chegando a dialogar, com curtas palavras, com alguns parentes da família. Este personagem, ainda ganha vigor quando é o anunciado como um guardião, um protetor de determinado lugar.

A possessão da entidade no corpo de seu irmão releva uma forma de manifestação espiritual. Nesses casos, era comum de o possesso receber o acompanhamento de um curandeiro, o qual iria realizar suas orações e oferendas para expulsar o espírito e encontrar uma justificativa para o ocorrido. Por tanto, deve ter sido realizada várias visitas de curandeiros e seções espirituais para tratamento do irmão do pescador.

Para Lévi-Strauss (1975, p. 211) “o doente é a passividade, alienação de si mesmo, como o informúlável é a doença do pensamento; o feiticeiro é atividade, extravasamento de si mesmo como afetividade é a nutriz dos símbolos”. Deste modo, podemos observar dois polos antagônicos ante a relação de cura, sendo que um, o passivo, doente, enfermo, amaldiçoado, perseguido pelo espírito ou entidade, e outro, o curandeiro, o libertador, que vai compreender o que se passa e validar o fato ocorrido.

A ação do curandeiro é uma permissão do enfermo que sede sua fé para que o outro se manifesta por meio de uma experiência, um benzimento, um banho, um chá etc. Essas características expressam a coerência de um universo psíquico, social e até mesmo cultural dentro de determinada sociedade, como acontece na narrativa, onde o pescador ou o enfermo recorre ao curandeiro para confiar-lhe suas angústias de um encontro com o sobrenatural. A crença no poder espiritual do curandeiro é libertadora, quase que uma contrapartida para que o milagre da cura aconteça.

O Pescador Roberto Soares (58 anos) nos diz que “vários curandeiros iam lá pra ver ele, e rezavam, defumavam a casa, recomendaram que preparasse um quarto só pra ele com imagens de santos e velas acesas” (Entrevista, 2019). Então, era realizado o acompanhamento e passadas orientações à família do pescador, para que seu irmão pudesse ser liberto dos males que lhe acometiam. As imagens de santos e as velas acesas seriam para trazer luz e discernimento ao jovem para encontrar seu caminho e regressar ao seu corpo.

Algo curioso, é que o pescador menciona que conversava com a entidade no corpo de seu irmão. Essa ação seria comum em outras culturas e religiões como a Umbanda, Espiritismo, Xamanismo, onde se faz a invocação de entidades espirituais para o recebimento de concelhos, instruções ou bênção solicitadas. No Espiritismo, pode-se, encontrar com parentes já falecidos e no xamanismo com os espíritos ancestrais. O que o pescador nos conta, torna-se uma exceção à regra religiosa e uma revelação de que as entidades espirituais podem atuar livremente e alcançar as pessoas de formas diferenciadas.

Na outra manifestação do Mão Grande, o pescador Roberto Soares (58 anos) afirma que “teve pessoas que viram apenas sua mão na entrada do rio” Waicurapá. Este lugar, em especial, é um ponto de espera estratégico dos pescadores, os quais mostram grande conhecimento sobre esta paragem, podendo descrever até mesmo a

geografia submersa do rio, contando com detalhes onde ficam as pausadas, os remansos, a lajem de pedra e os melhores lugares para se lançar<sup>26</sup> os cardumes.

Em uma pescaria, que tivemos o privilégio de estar junto aos pescadores, outro grupo de pescadores lançou um cardume de peixes na foz do rio, mas não tiveram força suficiente para puxar as redes. Estávamos no barco junto ao pescador Souza observando a situação. Do barco, podíamos perceber a aflição dos pescadores, que estavam prestes naufragar em sua canoa. A correnteza os puxava, cada vez mais, para o meio do rio quando gritaram por socorro. Antes que algo de ruim acontecesse, o grupo de pescadores, que estavam próximos a eles, os socorreu, ajudando a puxar a rede de pesca. A rede se rompeu ao meio devido à forte tração dos peixes e da correnteza.

Esse processo da pescaria, requereu dos pescadores uma atenção especial para as proporções do lugar e dos peixes. Essa atenção é preventiva, pois acidentes, em situações como a que presenciamos, podem ser fatais ou causar grandes prejuízos aos pescadores. Por tanto, não se trata apenas de pegar peixes, mas de prover pela segurança verificando todas as possibilidades e riscos. Ao nosso lado, o pescador Marcos Souza (62 anos) dizia,

Eles sabem que essa área é ruim pra lencear, aí a correnteza é muito forte e sempre puxa eles pra fora, aí eles tiveram olho grande. Eu sempre aviso, antes de lançar, pra verem se tem socorro, se não tá muito fora, se a correnteza não é muito forte, eu sempre aviso. Aí eles deram sorte de ter o pessoal por perto, se não podiam se alagar. Mas esse pedaço aí, se não tiver um barco pra socorrer ou outra canoa grande, é bem arriscado (Entrevista, 2018).

O pescador, além de demonstrar preocupação, mostra a importância de conhecer onde se está pescando. O pescador revela que é conhecedor do lugar onde pesca, e evidencia que não basta apenas ver os peixes, mas as condições para poder realizar a pescaria. Ao finalizar, o pescador alerta sobre os riscos que se guardam abaixo da superfície das águas<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup> O lançamento é a ação dos pescadores de soltar a rede de pesca enrolada do cardume, fazendo um desenho geométrico no formato de um círculo. Este é um dos principais e mais tradicionais tipos de pescaria usados pelos pescadores da comunidade.

<sup>27</sup> As águas camuflam sua severidade por debaixo de suas cortinas calmas e serenas. A cortina das águas ou a sua superfície, ocultam armadilhas como o remanso, que mesmo em meio ao vento forte, continua com sua superfície límpida e tranquila. Porém, o remanso esconde um turbilhão de águas que, como um redemoinho submerso, puxa e reconduz tudo o que mergulha em sua superfície.

O lugar onde ocorreu a pescaria é o mesmo referido nas narrativas como morada do Mão Grande. Ainda no lugar, o pescador Marcos Souza, esboçando um sorrindo, comenta que “foi só um dedo que o Mão Grande botou pra fora pra eles aprenderem a não ter olho grande, aprender que esse pedaço tem dono” (Entrevista, 2018). Isso vem evidenciar o reconhecimento do espírito que habita naquele lugar por meio da referência que o pescador dá a ele.

O comentário, realizado naturalmente em nosso diálogo, convém a uma aproximação do pescador com o espírito, uma unificação do real e o imaginário. Por conta do lugar e da dimensão espiritual que abrange no inconsciente dos pescadores, torna-se comum evocar as entidades em comentários devaneios como o promulgado, revelando a dupla funcionalidade da interpretação do pescador, onde, num momento ele explica o fenômeno das águas e seus riscos e depois, acrescenta o sobrenatural na figura do Mão Grande.

Essa outra forma de compreender e justificar os fatos é característica dos pescadores. Trata-se de um pensamento complexo que constitui a polifonia dos saberes tradicionais deste povo, o qual percebe o fenômeno a partir de suas inter-relações entre o visível e o invisível ou o real e o imaginário. Fazendo o imaginário uma extensão do real e o real uma extensão do imaginário.

As interpretações que concerne à realidade do pescador são fundidas com sua percepção imaginária. Bem como Loureiro (2001) sobressalta por meio de uma metáfora de que a percepção desses povos tradicionais é o encontro das águas, onde não há uma definição de começo ou de fim de ambos os rios, mas apenas uma mistura viscosa em que um se estende sobre o outro. Desse mesmo modo, se faz o real e o imaginário para os pescadores, onde um torna-se extensão do outro.

### CAPÍTULO III – A POISESIS DA VIDA TRADICIONAL



**Figura 9** – Frutos da Pesca.  
**Fonte:** Odin Barbosa, 2018.

Tua visão está sempre além	Ou se tu a enganas
Teus olhos são teus sentidos	Com doses da tua cana
Consegue falar do indisível	Para o peixe ela ti dar
Explicar o inexplicável	O mão grande é teu amigo
Teu caminho nunca é reto	Até ti afasta do perigo
Sempre encontras uma dobra	Mas castiga o enxerido
Teu cóio é teu segredo	Que quer sempre mais
Que bom que tu ainda tens um	Velha gulosa é um perigo
Mas tu és corajoso	Não quer nem pro teu inimigo
Frenta bicho das águas e até visagem	Sua cara desfrutar
Pra muitos tu é medroso	O Espírito do Lago ti impressiona
E mal sai do balanço de tua rede	Senta no teu casco, ti persegue
Teu preço não inflaciona	Não ti abandona
Como se peixe pulasse na canoa	Mas é um preço a se pagar
E tudo fosse fácil	A morada tu faz sua casa
Como o balanço de teu casco	O rio é teu quintal
Ainda não entendo	Berço de teus devaneios
Se a iara ti seduz	Teu encontro com o surreal
	(OLIVEIRA, 2021)

As narrativas dos pescadores que vem sendo discutidas ao longo deste trabalho evidenciam que a presença do sobrenatural campeia a vida dos pescadores na Comunidade do Maranhão. Dando continuidade à esta reflexão, pretendemos neste capítulo, tecer considerações que nos conduzam ao objetivo geral deste trabalho, qual seja, investigar como os pescadores da comunidade do Maranhão em Parintins/AM, por meio de suas narrativas, expressam sua visão de mundo no ambiente das águas.

O enlace criado pelas narrativas dos pescadores acaba por transformar o sobrenatural em natural, personificando as aparições, entidades, espíritos, e atribuindo-lhe características próprias como nome, lugar onde residem, horários propensos a suas manifestações, formas de manifestações, dentre outras minúcias que possam ter fugido às narrativas.

As narrativas nos revela uma variedade de imagens, formas e símbolos, que enlaçam o real e o surreal na vida dos pescadores, podendo ser observado como “dois mundos entrelaçados no cotidiano” (LOUREIRO, 2001, p. 207). A pujança dessas imagens cotidianas é um marco nas narrativas se tratando da ambiência dos pescadores, sendo observado no conhecimento que eles possuem dos lugares onde por quais percorrem, evidenciados de forma detalhada. E essas imagens do cotidiano, acabam por se fundir com a estranheza que ocorre dentro destes ambientes tidos como familiares.

O que chamamos de estranheza corresponde aos fenômenos das aparições narradas pelos pescadores, como a Velha Gulosa, o Mão Grande e o Espírito do Lago. Estes personagens surgem nos ambientes corriqueiros dos pescadores, mesmo que cada um possua características próprias. A Velha Gulosa, mesmo envolta de sua misticidade, vem se manifestar no caminho do porto utilizado pelos pescadores, na praia onde e eles costumam frequentar para pescar, bem como narra o pescador Roberto Soares (62 anos) que “chegou lá no porto, tinha um cumandazeiro, que era grande né, por onde a gente passava” (Entrevista, 2018). Os lugares são tão comuns para os pescadores, que eles o emolduram descrevendo o cenário de forma detalha, em uma linguagem poética peculiar a estes personagens.

O Mão Grande, habitante e guardião das profundezas, monta sua vigília na foz do rio. Sempre está presente no imaginário dos pescadores, quando estão pescando no lugar, tornou-se como um símbolo de grandeza espiritual que os

acompanha, que os abençoa, mas que também os pune. Como uma ação inconsciente que reorganiza o lugar e a forma de trabalho realizada pelos pescadores.

O espírito do lago, cresce e se manifesta, causando medo e transtorno no pescador. Mas, o pescador não vê limites, talvez não existam esses limites, de quando para ou continuar em uma atividade. Porém há uma ilustração das dificuldades que podem surgir, mesmo que de forma inesperada, antes aos objetivos que se busca alcançar.

Os pescadores criam uma cosmologia que transforma lugares comuns por meio de uma agregação de sentidos e significados. Essa transformação não ocorre em um sentido geográfico, mas em uma dimensão simbólica que age no imaginário dos pescadores, modificando a forma de aceitar e interpretar a mesma realidade física. Bem como verificamos nas narrativas.

Os espíritos narrados pelos pescadores rompem uma ordem natural de convivência do pescador com o seu ambiente, como que um interdito violado (LOUREIRO, 2001). Essa desordem do ambiente por meio do fenômeno das aparições reorganizam o tempo e o espaço do pescador despertando sentimentos como o zelo, cautela, respeito, medo, amizade etc. Como ocorre com o espírito do lado, o qual perseguiu pescador após terminar sua pescaria, que veio instaurar naquele lugar um novo sentido.

O tempo e espaço a que nos referimos, correspondem a uma redefinição ruptiva da temporalidade cronológica. Neste espaço, residido pelas entidades, a noção temporal condiz com uma realidade perene sobre o imaginário dos pescadores, onde a entidade mescla-se com o ambiente e agora, com a vida dos pescadores. Tamanha interpretação criada pelos pescadores sobre as entidades, os quais criam um enredo que transforma o lugar por meio da experiência ocorrida. O tempo é diluído em pulsões de memórias que intensificam a presença da Velha Gulosa na ilha, o Espírito do Lago ou o Mão Grande na boca, convencendo de que eles podem reaparecer a qualquer momento.

Desse modo, ocorre uma violação da monotonia desses espaços dos pescadores com criação imaginária de um entidades vivas. Estas, por sua vez, envolvem-se em uma misteriosidade que coopera para especulações de sobre sua existência, como sua forma, força, sensação, aparência e suas finalidades. Porém, não há consistência quanto ao sentido originário das entidades narradas, mas no próprio teor de sua vivência ou das experiências passadas pelos pescadores.

Sobre as imagens do cotidiano e a monotonia do espaço, Bachelard (1993) nos leva a compreensão de que é desse espaço que surgem às imagens puras ou as imagens poéticas. Essas imagens são efêmeras, passageiras, sendo percebidas apenas por poetas ou fenomenólogos, por ocorrerem dentro de um ambiente habitual. Mas, aqui o poeta ou o fenomenólogo é o próprio pescador, pois ele percebe essas imagens puras, primeiras, as quais poetisa, ao seu modo, em suas narrativas.

O espírito do lago compreende um ambiente hostil e de difícil acesso para os pescadores. Mas, mesmo assim, ainda há a sujeição do pescador ao risco de passar por uma nova experiência da a sua necessidade de pegar peixes. Desse modo, o espírito soma-se aos obstáculos, e como obstá-lo, o pescador consegue encontrar uma forma de superá-lo. Contudo, o espírito torna-se um novo marco, uma referência misteriosa criadora de suposições ao que de fato é. E o que vem a ser torna-se o mistério que emoldura o imaginário criado pelo pescador.

A velha Gulosa ganha vida nas narrativas daqueles que a viram, ouviram ou a sentiram. Por meio das narrativas busca-se justificar, organizar, compreender, a imagem reveladora do fenômeno, que parte da imagem de uma mulher com características distintas, pois ela é “velha, cara berrugenta, tem os cabelos compridos e escuros e um vestido preto que chega até pés e sua cara parece de pedra” (Marcos Soares, Entrevista, 2018).

A narrativa da Velha Gulosa, como nas demais, nos mostra que o encontro ou as aparições não ocorrem em lugares desconhecidos, mas trata-se de um encontro com o desconhecido, com um o interdito que rompe a familiaridade do lugar. A estranheza decorrente do encontro com o sobrenatural vai mesclar a realidade de modo que não há um distanciamento com do lugar, por parte dos pescadores, mas uma aproximação com as entidades. Desse encontro, o lugar não se torna estranho, e as entidades também se tornam familiares.

O que nos parece, é que para os pescadores é mais conveniente se habituar e conviver com a estranheza, a que evita-la. Atualmente a ilha onde ocorreu a aparição da Velha Gulosa continua sendo habitada por moradores, e as praias onde foi vista, continuam a ser frequentadas pelos pescadores e por moradores da comunidade. Contudo, a reverência a Velha Gulosa não deixa de ser realizada pelas pessoas, mostrando conhecimento sobre o mito.

O Lago onde o espírito se manifestou para o pescador Mário Samaúma, não deixou de ser frequentado. Ele continua sendo palco de pescarias, diurnas e noturnas,

tanto nas cheias quanto nas vazantes. Assim também como o Mão Grande na boca do rio, onde os pescadores chegam até mesmo a interagir com a entidade em seus diálogos, brincando com o que possa ocorrer ou os ocorridos do dia.

Por meio da experiência, o contato, a busca, provada diariamente, que configuram o gatilho para o surreal ante a monótona realidade transcorrida pelos pescadores. Ao sobrepujar a realidade por meio do imaginário, o pescador, não apenas se conecta com a natureza, como também se comunica com o ambiente ao emoldura-lo simbolicamente com uma cosmologia de seres ativos, mitológicos. Em decorrência desse momento de sublimação, se constrói um esboço de significados vivificantes de apego do sujeito com seu torrão.

Ao se relacionar com floresta por meio de um diálogo cosmogônico, o pescador parece canalizar sua insegurança, anseios, dúvidas, sentimentos, aos seres da floresta por uma via espiritual que lhe retorna transmutada em fé, esperança, amor, pertença. Essas ligações imaginárias, poéticas, espirituais, permitem o extravasamento psíquico e o reabastecimento de energias cósmicas necessárias ao sentido primordial da vida (MORIN, 2012). Dessa forma, o homem amazônico cria e recria a sua poética, por meio dos devaneios suscitados da contemplação estetizante, da natureza que o envolve.

Trata-se de figuras encantadas que não podem ter sua natureza classificada como boa ou ruim no imaginário, por permanecerem envolvidas em uma realidade misteriosa e obscura. Os pescadores a narram a Velha Gulosa com um tom amedrontador, evidenciando o pavor daqueles se encontraram com ela. Isso nos leva a perceber a ligação com o desconhecido, pois a velha gulosa tornasse um desconhecido familiarizado no ambiente dos pescadores, uma entidade comum, sendo um sobrenatural natural. Questão que vai se relacionar com os demais espíritos descritos nas narrativas.

Ao tecer uma vida transcorrida entre o real e o surreal, o pescador vai criando e recriando um cosmos de representações, sagradas ou profanas, do meio em que vive. Incorporando temáticas míticas que protagoniza ao afirmar que estava presente e que viu com os próprios olhos. Onde ele não só vai unir o mundo material do fenomênico, como vai se por presente nele, de algum modo.

Como observamos a presença do Curandeiro, o qual se fez presente em duas narrativas como um intermediador e validador dos fenômenos. Ele reconhecia os limites de seus saberes e sua capacidade de ajudar as pessoas, ao realizar um

diagnóstico em seus pacientes, ele constatava se a enfermidade poderia ser tratada por ele mesmo, por um médico ou por um curandeiro mais poderoso que ele. Sua sinceridade bordou um grande prestígio ante aos moradores da comunidade que depositavam nele a sua confiança.

Na Comunidade, qualquer fenômeno considerado sobrenatural pelos pescadores tinha sua validação e interpretação realizadas pelo curandeiro. No momento, os pescadores não dispõem mais de uma pessoa que ocupe o posto de referência do curandeiro, fazendo com que as novas experiências fiquem sem suas devidas interpretações. Porém, não deixa de acontecer novos eventos no decorrer de suas pescarias.

Trata-se de pessoas que contam o que viram, ouviram ou sentiram sobre os fenômenos, criando descrições variadas de formas ou sensações. A velha gulosa é tida como duas mulheres, o Mão Grande, como um guardião do qual se avistou apenas a sua mão e também, o único que houve um diálogo direto por meio de uma possessão, quanto que o Espírito do Lago fora apenas as sensações.

As formas de percepção dos pescadores recaem por vias sensíveis de seus sentidos lhes proporcionando extensões para além do que se vê. Essa relação com o mundo espiritual encontra-se perene no enredo da vida dos pescadores, os quais tornaram as entidades comuns em seu ambiente preservando o respeito pelas mesmas, são variações sensoriais de experiências onde nem sempre se encontra algo tangível. E essas percepções vão dar luz signos, símbolos, ou explicações alegóricas de suas experiências.

Ao se relacionar com floresta por meio de um diálogo cosmogônico, os pescadores canalizam sua insegurança, anseios, dúvidas, sentimentos, aos seres da floresta por uma via espiritual que lhe retorna transmutada em fé, esperança, amor, pertença, temor. Essas ligações imaginárias, poéticas, espirituais, permitem o extravasamento psíquico e o reabastecimento de energias cósmicas necessárias ao sentido primordial da vida (MORIN, 2012). Dessa forma, o pescador cria e recria a poética do seu ambiente, por meio dos devaneios suscitados da contemplação da natureza que o envolve.

A descrição do pescador revela um momento onde acontece o encontro com o sobrenatural. Esta descrição vai ser transformada em uma tradução da realidade vivida pelo pescador, onde surreal e o real constituem a mesma realidade, correspondendo ao que Loureiro (2001, p. 122) define de visão “visão imediata e

mediata”. Sendo uma transposição do que se viu e do que se reproduziu, numa união do real com o imaginário do pescador.

Esse encontro não possui fronteiras onde possa se identificar o início e o fim do real ou do imaginário, provindo uma variedade de interpretações resultantes deste encontro, o que Torres (2005, p. 17) vem chamar de “realidade multifacetada”. Um encontro que vai despertar o pescador para interpretações devaneia, o qual vai criar uma descrição fantasiosa e fantástica do sobrenatural, do indizível ou inexplicável. A relação entre o pescador e o seu ambiente envereda uma série de elementos que vão sustentar seus argumentos sobre a realidade multifacetada.

O que se nota é que foi pela ação do trabalho que ocorre o encontro entre o pescador com o sobrenatural. O trabalho enquanto atividade motora, não é apenas o ganhar o pão com suor do rosto no sentido cristão, mas é espaço de criação, de luta de prazer, de diversão e reverência e culto, não é o trabalho como o ocidente, que fragmenta o trabalho separando-o da vida, aqui o trabalho está integrado à subsistência, à manutenção da vida e à própria vida mágica e concreta dos pescadores.

As narrativas nos revela também a relação que se estabelece do pescador com o tempo. Ele vai manifestar o zelo e o respeito por determinados horários, jugando ser momentos em que não se podem realizar atividades como ir à beira do rio, trabalhar, sair de casa, dentre outras. O que podemos perceber melhor quando ele nos conta.

Para Lurker (2003) o tempo abrange um contexto simbólico para diversas culturas no mundo, o qual vai ser representado por várias divindades. Esse tempo, tomando significados diferentes, vai reger as culturas com características distintas, podendo resultar, desde oferendas a deuses e entidades, ao simples respeito com determinados horário, como observado na narrativa acima. O tempo, por conta da diversidade cultural, se torna relativo e se utiliza elementos naturais como formas desses marcadores temporais.

Ao abordar sobre os marcadores temporais, Durand (1997) identifica a lua, como um arquétipo temporal. Com isso, o autor identifica que este astro iluminado foi tomado como um dos primeiros marcadores temporais por conta de suas estações e com a simetria do temporal entre elas com quantidade de dias e noites específicos, bem como a influência gravitacional que a lua exerce sobre o ecossistema. Sendo

assim, a lua mostrou-se pertinente e perspicaz para elaboração dos primeiros calendários de vários povos no mundo.

Mas o tempo a que se refere o pescador em sua narrativa, corresponde ao cuidado para evitar o encontro com alguma entidade sobrenatural. Desse modo, ele desenvolve uma cultura de respeito e obediência com os horários ditos como impróprios, proibidos, sagrados, evitando sair de sua casa ou realizar algum tipo de atividade nesses períodos. Por tanto, o tempo ganha um significado remetendo o pescador para um resguardo obrigatório, não apenas por conta do descanso necessário, mas por conta das entidades sobrenaturais.

Sobre essa cultura temporal que envolve os povos tradicionais amazônicos, Loureiro (2001, p. 67) compreende que “o tempo dos homens é como algo que acontece sensivelmente, visivelmente em derredor”. O tempo se dilui e se mistura com o espaço imaginário dos pescadores tornando-se, como aborda o autor, visível, acontecendo uma materialização deste tempo pelas vias imaginárias. Desse modo, o desrespeito com os horários podem voltar-se em punição para o pescador com a manifestação de algum espírito da floresta.

Quando se ultrapassa o tempo estipulado como seguro para se locomover ou se ater nalguma atividade que ocorre a manifestação, a qual vem ser confirmada selada com o testemunho de alguém, com um narrador. E este narrador vai atestar o surreal, sobrenatural, se pondo como protagonista de sua própria história caracterizando o mito, ou seja, “a narrativa que legitima esta ou aquela fé religiosa ou mágica, a lenda e as suas intimações explicativas” (DURAND, 1997, p. 356).

Em meio a essa configuração do trabalho, tempo, lugar, vai surgir o mito, na figuração dos espíritos para contribuir com a construção de visão de mundo. O mito vai criar essa dimensão mágica, mística, sombria, desconhecida, misteriosa, presente nas narrativas dos pescadores. Será o fruto justificante das imagens primeiras captadas pelo pescador em seu ambiente.

Dessa forma, a ressignificação mítica produzida pelos pescadores relaciona de algum modo, o ser com a natureza e com outros seres. Nesse ambiente, o homem amazônico se torna mais que uma extensão física de seu ambiente, ele se torna uma extensão espiritual, consolidado pelas vias do imaginário. Onde o pescador pode ser percebido como uma extensão da floresta, da terra ou das águas, e a natureza como uma extensão do pescador.

A própria natureza é o significado, o indizível, é também a forma, matéria, estética, poética, ação, contemplação, conotação, ordem, desordem, organização. Trata-se de um ambiente complexo que demanda por formas de traduções realizadas por pessoas que habitam e interagem com o ambiente. E é dada a limitação de entendimento humano sobre a natureza, que o ser a traduz por meio de interpretações alegóricas, como compreendeu Durand (2002).

Ante a esse emaranhado de significações e ressignificações sobre a natureza, notamos a construção de um mosaico eco-sócio-antropo-cultural. Um mosaico que comporta uma variedade antagônica de realidades provenientes das interpretações sobre a região por óticas disciplinares, positivistas e limitadas sobre paisagens, fenômenos, povos, culturas, crenças, etc. Com tal variedade de informação, em alguns momentos, chegamos a nos deparar com interpretações e significados diferentes para uma mesma realidade, o que nos sugere pensar no lugar como um mosaico.

Pensar nesse mosaico eco-sócio-antropo-cultural é nos remeter às singularidades interdisciplinares que o constroem. São polos ecológicos, sociológicos, antropológicos e culturais distintos, porém que se entrelaçam constituindo uma mesma realidade. Dessa forma, pensar em Amazônia e em especial a Amazônia da Comunidade do Maranhão, não é voltar apenas para uma questão singular, mas perceber a complexidade que engendra esse lugar.

Diante disto, nos voltamos ao processo de desterritorialização da cultural, das interpretações criadas e recriadas (ALMEIDA, 2008). Isso, para alcançar uma concisão, que mesmo sendo provisória, fundamentem estas interpretações dos discursos criados sobre a realidade amazônica, que criticam, exaltam, ocultam, desdenham etc. Com isso, a ressignificação dessas realidades por meio de olhares do ambiente, da floresta e dos víveres da região, precisam ser desterritorializados para que possam encontrar uma interpretação mais condizente com a realidade vivenciada pelos homens e mulheres amazônicos.

A desterritorialização para Almeida (2008) condiz não com um processo geográfico, mas com a cultura da sociedade. Desterritorializar é buscar compreender tanto os processos originários, como os fenômenos contemporâneos. Não é retirar do lugar, mas se aprofundar neste lugar para compreendê-lo melhor. Então, neste caminho ou processo, se dá a jornada de compreensão do substrato que sustenta as imagens que se têm da Amazônia.

A soma de conhecimentos dos pescadores, vai ilustrando uma parte da vida que pulsa e flui por fios de rios, florestas e seres encantados. Vai tecendo uma rede de conexões que alcança uma microrregião onde todas as unidades ou fatores que compõem um determinado ambiente se conectam, assemelhando-se aquilo que Capra (1996, p. 14) define de “Teia da vida”. Quanto as narrativas, percebemos uma relação que comunga do imaginário mítico individual com o coletivo. Onde, a experiência e o compartilhamento dessa experiência podem engendrar lacunas perenes no comportamento e entendimento dos pescadores. Refletindo em alguma forma de reorganização do lugar ou das pessoas.

Sobre esta relação do imaginário individual com o coletivo, Durand atribui ao trajeto antropológico do imaginário. Neste trajeto ocorre “a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (DURAND, 1997, p. 41). A narrativa da experiência passada pelos pescadores veicula as informações dos mitos para a sociedade criando sentidos diversos.

As lacunas deixadas pelas narrativas também são explicadas por Durand (1997, p. 358) que afirma não ser a “forma que explica o fundo e a infra-estrutura, mas muito pelo contrário, é o dinamismo qualitativo da estrutura que faz compreender a forma”. O dinamismo dos mitos ganha sentido nas palavras do curandeiro, o qual adornou o que foi visto pelos pescadores com aquilo que não foi visto, reafirmando o perigo das aparições e aconselhando ao cuidado com o lugar.

O que queremos dizer é que no enredo de vida do pescador existem elementos que substanciais que lançam luz para a sua visão de mundo. Quanto a isso, Durand (1998, p. 38) nos fala ser “necessário procurar as categorias motivantes do símbolo nos comportamentos elementares do psiquismo humano”, ou seja, na intimidade sensível do pescador em relação ao seu lugar. Esta ação não pode ocorrer extraindo o pescador de seu lugar, mas procurando compreendê-lo a partir das relações que se estabelecem ali, na realidade complexa na qual está imerso.

Contudo o homem é limitado quanto à questão sensorial dos sentidos sobre a manifestação do sobrenatural, resultando em um lastro simbólico difuso arraigado pelas sociedades do mundo. Para Jung (2008) o homem nunca percebe plenamente uma coisa ou a compreende por completo, o que leva a utilizar termos simbólicos para justificar ou representar aquilo que não se pode definir, compreender integralmente. Nos relatos dos pescadores não há uma definição do que são as velhas

gulosas, mas há lampejos interpretativos que buscam uma aproximação do sentido daquilo que se viu, sentiu, cheirou, ouviu ou sonhou.

Esse fato vai corresponder à afirmação de Durand (1997, p. 358) de que “o mito não se traduz mesmo em lógica”. Como um poema, o mito da Velha Gulosa, do Mão Grande ou do Espírito do Lago, nos leva a uma poética interpretativa que veicula sentimentos e os sentidos simbólicos conforme a experiência obtida pelos pescadores que nos narram suas experiências. E desse contado vai emergir uma ressignificação dos saberes, sentidos e modos de interpretações do mundo em que vivem.

A descrição dos elementos que compõe o ambiente soa como um pré-requisito para se alcançar o cerne da questão. Porém, o pescador, não age apenas como um narrador que conta suas histórias, mas como um poeta que descreve o ambiente, vivificando os detalhes, os elementos, os sons, cheiros, gostos, levando o receptor a reproduzir imaginariamente a sensação do lugar, e não apenas o lugar geográfico. Como um poeta, o pescador, transforma em poesia as suas narrativas, e não abre mão de nenhum elemento para discorrer tal experiência.

As águas como fonte motivacional de devaneios inebria o pescador, o qual abusa de sua estética, como um poeta secundário. O poeta secundário é dito por Bachelard (1998) daquele que abusa das imagens da água, sendo aquele que se diverte ou distrai seus pensamentos. Assim, o pescador interpreta seu ambiente dando vida e sentido a ele, um poeta que compõem sua poesia junto ao ambiente, não se excluindo dele, mas o protagonizando, se inebriando dele.

A poesia vem narrar os principais momentos de transição paradigmática que o mundo já teve (LOUREIRO, 2001). Nessa perspectiva, a poesia é construída a partir das narrativas, das palavras, das histórias que contam a história de povos, crenças, mitos, aventuras, repassando a cultura e a tradição para a posteridade e se eternizando por entre veredas orais e escritas. Nesse viés, a poesia não se manifesta apenas por estruturas semânticas que obedecem a roteiros de escrita e um rigor padronizante da linguística, mas se desvincula seguindo um caminho artístico contemplativo da expressão que advém da manifestação da interpretação humana ante a natureza.

Dito isto, percebemos em uma narrativa, a poética que emana dos pescadores ao descreverem suas experiências de uma pescaria. Essa narrativa foi percebida a partir da pesquisa participante em setembro de 2018, onde não estávamos

entrevistando o pescador, mas apenas observando e ouvindo os diálogos entre eles. Sobre a minúcia de uma empreitada em um dia de pesca, o pescador Daniel Pereira (42 anos) partilhou com o grupo,

Manozinho, quando eu cheguei no lago, era bem cedinho ainda, tava calmo, dando aquele vento frio, ouvia lá longe um plá<sup>28</sup>, um jaraquí batendo rabo, a água ainda tava meio pixé<sup>29</sup> do barranco que tinha saído com o vento forte, mas nada mano, o peixe já tinha ido embora (Entrevista, 2019).

Essa narrativa nos levou a refletir sobre os sentidos apurados e aguçados que os pescadores detêm e a forma como repassam esses saberes adiante. O que está sendo posto na narrativa transcende a uma simples descrição, perdurando em uma poética que mostra a propriedade de saberes que os pescadores possuem sobre os elementais que envolvem a pescaria, onde os sentidos físicos são explorados de todas as formas. Sendo que esses sentidos, vão aflorar dentro do imaginário mítico contracenando ou simbolizando os seres da floresta como observamos nos mitos narrados pelos pescadores neste capítulo.

---

<sup>28</sup> Reprodução do som do lapear do peixe. O lapear é o mesmo que o boiar ou quando o peixe bate seu rabo na superfície da água emitindo um tipo de som, variando para cada tipo ou espécie.

<sup>29</sup> Odor deixado pela vegetação subaquática em decomposição.

## Considerações Finais

Ao observarmos os pescadores, compreendemos que trata-se de pessoas complexas que revelam interpretações diversas sobre a vida, a cultura e as crenças, que possuem. Mas podemos perceber de imediato que se trata de uma vida, de pessoas que pensam, amam, criam, confrontam, imaginam, e como tantas outras, biologicamente semelhantes, são pessoas complexas que demandam por ouvidos que os escutem e não apenas por vozes que os narrem.

Para tanto, observamos as águas como a moldura da presente pesquisa, por ser o campo de atuação do pescador, o ambiente onde se realiza a atividade, o ambiente vivo que proporciona a vida e a atividade do pescador. As águas sempre ambíguas conjugam passividade e atividade. Para a atividade de pesca é ativa e passiva quando provê o peixe, ou por conta de seus ciclos naturais se recusa a fazê-lo.

Vista em sua poesia, é ativa quando adornada pelas significações míticas no imaginário do pescador, seu fiel sujeito e ainda aí exerce sua passividade quando se apresenta misteriosa, enigmática e mágica. É nestas ambiguidades que as águas e o pescador constituem uma simbiose de vida que lampeja a força do relacionamento do homem com o seu ambiente, sendo este, no nosso entendimento, um ponto importante para compreender a força da resistência tradicional presente nos povos da Amazônia.

Digno de nobreza, diploma ou grandeza, o pescador tem uma visão que está para além das aparências. Seus olhos sempre estão focados, jamais desatentos, mirando os sinais que as águas lhe transmitem e que por ele são traduzidos, narrados, compreendidos e vividos. O pescador é como um poeta que narra o indizível de suas aventuras com detalhes que lhes são peculiares, a partir de uma intimidade que não é fruto apenas de uma visão individualizada do mundo, mas produto de um mosaico que se constrói no coletivo.

E dentre essa diversidade de singularidades coletivas encontram-se pescadores da Comunidade do Maranhão. Os quais emergem como atores capazes de desencadear, em nós, outros aprendizados sobre a Amazônia e sobre os povos tradicionais que nela habitam. Correspondendo assim, a configuração de mais um olhar da Amazônia, porém, a partir de seus próprios habitantes, os pescadores.

E é a experiência, o contato, a busca, provada diariamente, que configuram o gatilho para o surreal ante a monótona realidade transcorrida do sujeito amazônico. Ao sobrepujar a realidade por meio de um imaginário poetizante e estetizador, o sujeito, não apenas se conecta com a natureza, como também se comunica com o ambiente ao emoldura-lo simbolicamente com uma cosmologia de seres ativos, mitológicos. Em decorrência desse momento de sublimação, se constrói um esboço de significados vivificantes de apego do sujeito com seu torrão.

Assim, ao analisarmos o objetivo geral deste trabalho é possível dizer que foi alcançado em parte, por se tratar de uma perspectiva fugidia e passiva de alterações. Visto que, ao lidar com a percepção de pessoas que possuem uma interação com agentes externos, sua percepção está exposta a um constante processo de resignificação, semelhando ao abordado por Prigogine (2001) quanto à entropia e reorganização sistêmica. Porém, nos aproximamos sutilmente para compreender um pouco mais o desconhecido.

Sobre o método empregado, foi possível perceber que a abordagem qualitativa comportou-se de forma satisfatória. Pois, esta abordagem nos permitiu ter uma visão mais aberta e sensível às sutilezas de nosso observado, principalmente, quanto a sua fala. No entanto, observamos lacunas no processo de aplicação do método, visto que, não necessariamente, existirá um método especificamente adequado ou que comporte a todas as exigências de uma pesquisa. Além de nossas disposições, tivemos que respeitar e nos adequar as condições dos pescadores e da própria natureza, que por sua vez, influencia na ação dos atores desta pesquisa. Porém, mesmo em meio às dificuldades, conseguimos executar as finalidades a que nos dispomos neste trabalho.

Articular a base teórica constituiu-se um desafio, pois, os estudos do imaginário, bem como da complexidade indicaram pistas interessantes para pensar a visão de mundo dos povos tradicionais no entanto, também nos revelou a fragilidade científica quando ao que dispomos de conhecimento e a grandeza que existe para se conhecer, bem como a tendência de realizar afirmações ao invés de suposições quanto as possibilidades de ver e compreender isto ou aquilo.

É possível perceber também que o problema central foi alcançado em parte, pois o desafio se mostrou maior e mais fugidio com o decorrer da pesquisa. Apesar de conseguir coletar os dados, interpretá-los e construir um diálogo que envolvesse o pescador em sua fala, seu ambiente, as teorias as quais buscamos nos nortear e nossa

interpretação, foi onde tivemos nossa maior dificuldade. Para perceber um tema sensível, é preciso um observador sensível, e essa sensibilidade nos faltou em alguns momentos. Como, quanto a afirmações demasiadas ou conclusões precipitadas que podemos ter realizado em alguns momentos do trabalho.

Como oportunidade para novos estudos entendemos que faz-se necessário propor investigações empírica e teóricas que tenham como foco berços culturais, como o dos pescadores. Referimo-nos ao “perto longe” de Loureiro (2001), para perceber que esses povos não se fazem distante, num sentido geográfico, porém são distanciados pelas malhas da incompreensão. Os pescadores, assim como outros grupos e organizações sociais, estão no mesmo meio em que habitamos ou que interagimos de forma direta ou indireta.

Podemos indicar que o resultado principal desta pesquisa indicou que as visões de mundo dos pescadores, sofrem influencias que derivam de suas ações laborais, bem como o meio com que interage. Dito isto, o modo peculiar de observar a realidade, não surge como uma forma de afastar o pescador ou sua compreensão, mas de interagir e contribuir para um processo de engrandecimento empírico científico e de reafirmação cultural. A partir do resultado principal, obtivemos outros secundários que apontam para o sentido de ruptura ou de emancipação de saberes e o retorno aos sentidos da natura.

O retorno à natureza é considerado por Bachelard (1996) como o segundo momento do espírito científico. A este novo momento, nos cabe compreendê-lo como um mundo novo, aberto, diversificado e inacabado. Um mundo que nos revela a sensibilidade quanto a influências internas e externas, onde as ações ou reações produzem respostas diferentes. Causando uma diversificação nas formas de compreensão do todo e das partes, rompendo com qualquer forma de interpretação linear determinística. Por tanto, essas mudanças contínuas revelam o inacabado como uma descrição da problemática a ser compreendida neste novo momento científico.

Com esses autores, percebemos com maior sensibilidade o ambiente configurado pelo pescador. Visto que, este ambiente se configura, também, pela imaginação dos sujeitos, os quais elaboram um sentido organizado/desorganizado para este ambiente, com base em suas perspectivas, experiências e nos elementais abundantes. Portanto, as configurações imaginárias elaboradas pelos autores, possibilitaram essa percepção do simbólico pertinente ao ambiente do pescador.

Ao buscar as origens e ao voltar para a natureza, a ciência começa a reconhecer suas inconsistências e fragilidades. Esse reconhecimento e retorno consistem na ruptura epistemológica com os paradigmas estabelecidos pelos cânones científicos propostos por Bachelard (1996). Trata-se de um reencontro que reacende a vigor, a paixão, o amor científico pelo conhecimento, mesmo que as condições os lancem para o desconhecido, a instabilidade e a incerteza.

No que respeita à linha de pesquisa **Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais**, este trabalho sinaliza que algumas experiências e narrativas dos pescadores estão relacionadas ao processo de formação e manutenção imaginária nos ambientes em que estão envolvidos. E podemos colaborar com a investigação e transcrição de parte desse processo primário de criação, de devaneio, dos pescadores e na sua comunidade, preservando a conjuntura mítica, etnológica, histórico da formação desse lugar, no presente trabalho. Deste modo, este estudo apresenta possibilidades de promover a reflexão sobre a presença de ícones, identidades, e formas de manifestações socioculturais do pescador a partir de suas próprias narrativas.

Quanto ao PPGSCA – esta dissertação apresenta elementos que possam desencadear maiores discursões sobre a temática em pesquisas vindouras. Elementos, estes que abranjam povos típicos de nossa região, como o pescador, e sua preconização quanto homem de ação no seu ambiente de vivência-sobrevivência, como um criador de pensamentos e interpretações do mundo. Bem como, somar de forma positiva com oportunidade de dar voz a esses povos.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Antropologia dos Archivos da Amazônia**. Casa 8 / FUA. Rio de Janeiro, 2002.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10<sup>o</sup> ed. Tradução: Roberto Raposo. Editora: Forense Universitária. Rio de Janeiro, 2007.
- ATLAN, H. **As finalidades inconscientes**. In: THOMPSON, W. I. (Org.) Gaia. Uma Teoria do Conhecimento. p. 103-119. São Paulo: Gaia, 2000.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. (Trad. de Antônio de P. Danesi). São Paulo: Martins Fontes, 1998. Disponível em: farofafilosofica.com. Acesso: maio de 2012.
- \_\_\_\_\_. **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- \_\_\_\_\_. **A psicanálise do fogo**. (Trad. de Paulo Neves). São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- \_\_\_\_\_. **A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças**. (Tradução de M<sup>a</sup> Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. **A terra e os devaneios do repouso: ensaios sobre as imagens da intimidade**. (Trad. de Paulo N. da Silva). São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- \_\_\_\_\_. **A poética do espaço**. (Tradução Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal). São Paulo: Martins fontes, 1993.
- \_\_\_\_\_. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. (Trad. Esteia dos Santos Abreu). Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 22<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- CAPRA, F. **A teia da vida: uma compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: editora Cultrix, 1996.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo. Ed: Global, 2000.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução a arquétipologia geral**. 1.<sup>a</sup> ed. Tradução Helder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FERREIRA, Marinilde Verçosa. **O homem, o rio e o viveiro: as relações de poder que entrelaçam o trabalho da piscicultura em Benjamin Constant, no Amazonas**. Tese de Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia. Universidade Federal do Amazonas, 2016. <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5594>
- GASTALD, J. Petrelli. **Elementos da economia política**. - 16<sup>a</sup> Ed. - São Paulo: Saraiva, 1995.
- Gerhardt, Tatiana Engel, Silveira, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.
- GOMES, Cássio. **Entrevista IV**. Entrevistador: Odin Barbosa de Oliveira. Parintins, 2018. 4 arquivo .app de gravação aparelho celular. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita e em poder do pesquisador.
- GONDIN, Neide. **A invenção da Amazônia**. – 2. Ed. – Manaus: Editora Valer, 2007.
- JUNG, Karl G. **O homem e seus símbolos**. Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2008.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento Selvagem**. Campinas, São Paulo: Editora Papyrus, 1989.

\_\_\_\_\_. **Mito e seu significado.** Tradução de António Marques Bessa. Lisboa – Portugal. Ed. Edições 70, 1978.

\_\_\_\_\_. **A estrutura dos mitos.** In: Claude Lévi-Strauss. *Antropologia estrutural.* Ed. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1975.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica:** uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

LURKER, Manfred. **Dicionário de simbologia.** Tradução de Mario Krauss, Vera Barkow. 2ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

MAFFESOLI, M. **O imaginário é uma realidade** (entrevista a Juremir Machado da Silva). Revista Famecos, Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, ago. 2011.

MARCONE, Maria de Andrade. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7ª ed – 3. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais.** - 2. Ed. – São Paulo: Atlas, 2009.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaaios** / Michel de Montaigne. São Paulo: Ed. Nova Cultura, 1987.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **O Pescador:** histórias e instrumentos técnica e folclore / Mário Ypiranga Monteiro. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, EDUA, 2010.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8º ed. Rio de Janeiro: Editora Bestrand Brasil, 2005.

MORINS, Edgar. **O Método 1:** A natureza da natureza. Tradução de Maria Gabriela de Bragança. Editora Europa América, 1977.

\_\_\_\_\_. **O Método 5:** a humanidade da humanidade. Tradução Juremir Machado da Silva. 5ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

MANKIW, N. Gregory. **Macroeconomia.** Tradução Ana Beatriz Rodrigues. 8. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

NICOLAU, Alberto. **Entrevista.** Entrevistador: Odin Barbosa de Oliveira. Parintins, 2019. 7 arquivo. app de gravação aparelho celular. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita e em poder do pesquisador.

NUNES, Euler. **Entrevista VI.** Entrevistador: Odin Barbosa de Oliveira. Parintins, 2018. 6 arquivo. app de gravação aparelho celular. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita e em poder do pesquisador.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra** Um livro para todos e para ninguém. Tradução de Carlos Duarte e Anna Duarte. São Paulo: Editora Martin Claret, 2015.

PANTOJA, Geandro Guerreiro. **Acordo de Pesca:** instrumento para co-gestão do uso dos recursos pesqueiros do Município de Parintins-Am. – Manaus: UFAM, 2006.

PEREIRA, Daniel. **Entrevista V.** Entrevistador: Odin Barbosa de Oliveira. Parintins, 2018. 5 arquivo .app de gravação aparelho celular. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita e em poder do pesquisador.

PRIGOGINE, Ilya. **Ciência, razão e paixão.** /Organização: Edgar de Assis Carvalho, Isa Hetzel, Lois Martin Garda e Maurício Macedo. Belém: EDUEPA, 2001.

PRIGOGINE, Ilya, SLENGERS, Isabela. **A nova aliança:** A metamorfose da ciência. Tradução de Miguel Faria, Maria Joaquina Machado Trincadeira. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.

- RANGEL, Alberto. **Inferno verde: cenas e cenário do Amazonas**. 6º ed. Manaus: Valer, 2008.
- RICOUER, Paul. **O CONFLITO DAS INTERPRETAÇÕES: ensaios de hermenêutica**. Ed. Imago. Rio de Janeiro, 1978.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. Tradução de Mouzar Benedito. São Paulo: Ed. Boitempo, 2007.
- SAMAÚMA, Mário. **Entrevista III**. Entrevistador: Odin Barbosa de Oliveira. Parintins, 2018. 3 arquivo .app de gravação aparelho celular. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita e em poder do pesquisador.
- SIQUEIRA, Normando. **Entrevista II**. Entrevistador: Odin Barbosa de Oliveira. Parintins, 2019. 8 arquivo .app de gravação aparelho celular. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita e em poder do pesquisador.
- SNOW, C. P.. **As Duas Culturas e uma Segunda Leitura: Uma Versão Ampliada das Duas Culturas e a Revolução Científica**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza, Renato de Azevedo Rezende Neto. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1995.
- SOARES, Roberto. **Entrevista II**. Entrevistador: Odin Barbosa de Oliveira. Parintins, 2018. 2 arquivo .app de gravação aparelho celular. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita e em poder do pesquisador.
- SOUZA, Marcos. **Entrevista I**. Entrevistador: Odin Barbosa de Oliveira. Parintins, 2018. 1 arquivo .app de gravação aparelho celular. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita e em poder do pesquisador.
- TORRES, Iraildes Caldas (org). **O ethos das mulheres da floresta**. / Organização: Iraildes Caldas Torres. Manaus: Editora Valer / Fapeam, 2012.
- TORRES, Iraildes Caldas. **Arquitetura do Poder: Memória de Gilberto Mestrinho**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2009.
- TORRES, Iraildes Caldas. **Sakpó: uma dimensão feminina na Amazônia**. In: TORRES, Iraildes Caldas, BARROS, Rooney Augusto Vasconcelos, TORRES NETO, Diogo Gonzaga (Orgs.). **Epifanias da Amazônia: relações de poder, trabalho e práticas sociais**. 2º Ed. Manaus: Editora Grafisa, 2017.
- VERÍSSIMO, José. **A pesca na Amazônia**. Livraria Clássica Alves & C., 1895.
- Vide site: <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/flora/noticia/2015/03/paracutaca.html>